

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE TURISMO

LENNO SOUZA LOBATO

BUMBA MEU BOI DE MORROS:
no contexto do turismo cultural de São Luís

São Luís

2009

LENNO SOUZA LOBATO

BUMBA MEU BOI DE MORROS:

no contexto do turismo cultural de São Luís

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Luíz Antônio Pinheiro

São Luís

2009

LENNO SOUZA LOBATO**BUMBA MEU BOI DE MORROS:**

no contexto do turismo cultural de São Luís

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Turismo.

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Luíz Antônio Pinheiro (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Examinador
Universidade Federal do Maranhão

Examinador
Universidade Federal do Maranhão

A Deus fonte da vida.

Aos meus dois grandes amores, minha esposa Deyse e meu filho Rennan.

Aos meus pais, Marlene e José Augusto pela criação.

Aos meus irmãos, Guto e Alessandro pelo amor e companheirismo.

Aos meus Avós paternos, Maria Izabel e Zuza Lobato (in memoriam).

Aos meus Avós maternos, Maria Amélia (in memoriam) e Alfredo.

Aos meus primos e primas, pelos exemplos de objetivos alcançado.

AGRADECIMENTOS

A minha esposa, Deyse que me acompanha e me dar força em todos os momentos da minha vida, o meu grande amor para todo e sempre.

Ao meu filho, Rennan ao qual tenho um amor incondicional que enche meu coração de alegria ao vê-lo lindo e sorridente em meus braços.

A minha grande mãe (mamazona), Dona Marlene que sempre se encheu de orgulho por me ver na Universidade Federal do Maranhão e sempre sonhou com o dia da minha formatura.

Aos meus irmãos, Guto e Alessandro pelo amor e carinho que sempre tiveram por mim ao longo da minha vida.

Ao meu melhor amigo, companheiro e agora cumpadre Danilo Everton pela amizade verdadeira que temos desde criança.

A minha amiga Marcelly pela grande amizade que temos.

Aos meus amigos de hoje e sempre, Layender e Gustavo.

Aos meus amigos de faculdade, Alex, Flávio, Augusto Pestana e Gaúcho por estarem presentes nesse momento tão importante da minha vida.

Ao professor e orientador, Luíz Antônio Pinheiro pelo grande auxílio na execução e conclusão desta monografia.

*“Boi é a flor que encanta, vento que
balança as virtudes pra você..*

*Boi é a esperança quando a
criança dança, faz a vida
renascer...*

*Boi é a fé na vida curando as
feridas quando em Jesus você
crê...*

*Boi é a caridade que a humanidade
precisa pra viver...*

O boi pode ser sotaque Guimarães.

O boi pode ser sotaque Pindaré.

Boi pode ser Matraca a estalar.

Boi pode ser panderões a entoar.

E o Boi de orquestra, é pra você vê todo esse tesouro Morros veio guarnecer.”

(José Carlos Muniz Lobato)

RESUMO

Este trabalho monográfico procura compreender a relação do turismo com a cultura, de modo que possamos observar até que ponto quais as vantagens e desvantagens que esse segmento pode trazer para uma determinada comunidade. Aborda a dimensão de alguns eventos populares e sua importância diante da comunidade e visitantes, dando destaque ao cenário estadual e a identificação que o povo possui com a cultura maranhense, principalmente com suas danças dando uma importância maior para o Bumba meu Boi de Morros.

Palavras chave: Turismo, Cultura, Festa e Turismo cultural.

ABSTRACT

This monograph seeks to understand the relationship of tourism with culture, so that we can observe the extent to which the advantages and disadvantages that this segment can bring to a particular community. It addresses the size of some popular events and its importance on the community and visitors, highlighting the state scenery and the identification that people have with the culture of Maranhão, mostly with their dances, giving greater importance to the Bumba meu Boi de Morros.

Key Words: Tourism, Culture, Fest, Cultural Tourism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	TURISMO CULTURAL	13
2.1	Turismo cultural e desenvolvimento local	18
2.2	Turismo x festas populares	20
3	FESTAS POPULARES NO BRASIL	23
3.1	Região Norte	23
3.1.1	Círio de Nazaré	23
3.1.2	Festival de Parintins	26
3.2	Região Centro - Oeste	28
3.2.1	Festa do Divino em Pirenópolis – GO	28
3.3	Região Sudeste	29
3.3.1	Carnaval no Rio de Janeiro	29
3.4	Região Sul	31
3.4.1	Oktoberfest em Blumenau – SC	31
3.5	Região Nordeste	32
3.5.1	Carnaval em Salvador	32
3.5.2	São João	33
4	O TURISMO CULTURAL NO MARANHÃO	36
4.1	Danças Populares	37
4.1.2	Cacuriá	37
4.1.3	Tambor de Crioula.....	39
4.1.4	Dança do Coco.....	42
4.1.5	Dança do Carço.....	43
4.1.6	Dança do Lêle	44
4.1.7	Bumba meu Boi	45
4.1.7.1	Sotaque de Zabumba	51
4.1.7.2	Sotaque de Matraca	51
4.1.7.3	Sotaque da Baixada	53
4.1.7.4	Sotaque de Orquestra	54
5	BUMBA MEU BOI DE MORROS	55
5.1	Caracterização do município de Morros	55

5.2	Origem do Bumba meu Boi de Morros	58
5.3	O Bumba meu Boi de Morros ao longo dos anos.....	63
5.4	Estrutura do Bumba meu Boi de Morros.....	68
5.4.1	Escolha dos Temas	68
5.4.2	Formação do Batalhão	69
5.4.3	O batizado	73
5.4.4	O ritual de morte.....	74
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
	REFERÊNCIAS	80
	ANEXO	82
	APÊNDICE	88

1 INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é analisar e identificar a relação do turismo com a cultura ao longo do tempo. Perceberemos ao longo do trabalho como a atividade turística pode trazer benefícios e prejuízos para uma localidade, visto que por um lado pode ser fator do desenvolvimento da comunidade principalmente em relação à preservação do patrimônio tanto por parte do turista como do autóctone.

Por outro lado essa indústria pode causar a degradação do espaço turístico se não for tratado com muito desvelo por parte do trade turístico. Procuraremos observar com minúcia as diversas motivações que o turista possa ter para ir a uma localidade e especialmente o quanto o turismo cultural tem o poder de atrair um grande número de visitantes em determinadas localidades.

Neste sentido, o turismo cultural tem-se destacado por despertar no visitante o interesse em conhecer os costumes e as tradições dos povos e pelo aspecto de valorizar a cultura humana. Paralelamente a esse contexto, a cultura popular detém um rico conjunto de elementos com um potencial capaz de representar uma importante fonte de motivação pra a atividade turística.

Além disso, as manifestações populares funcionam como uma espécie de atrativo, pelo qual possibilita conhecer e respeitar a história dos seus habitantes através das suas brincadeiras tradicionais.

Assim, busca-se compreender o turismo como um fenômeno econômico e social que pode ocasionar mudanças estruturais na sociedade, afetando de diversas formas, grande parte da população mundial, quando muitos grupos modificam aspectos de suas culturas ao entrarem em contato com todo o universo de novidades que são trazidas pela atividade.

Sendo assim, a pesquisa expõe alguns exemplos de festas populares em que o turismo serve como papel importante na promoção, divulgação, mas também podemos observar que pode desempenhar um papel de vilão, pois algumas festas acabam sofrendo uma transformação por causa do turismo, com o objetivo de cada vez mais atrair esses visitantes.

A estrutura interna desse trabalho está baseada em três eixos: primeiro busca-se compreender qual o papel do turismo em relação à cultura e

o desenvolvimento desse patrimônio cultural, analisando qual o comportamento de algumas festas populares no Brasil em relação à indústria do turismo. Em segundo plano analisaremos como algumas festas no Brasil se preparam de modo que venham obter sucesso tanto com a comunidade quanto com os visitantes e qual o legado que elas deixam para a comunidade. No terceiro momento serão destacadas as principais festas populares no Maranhão, analisando suas origens, tradições e como elas se comportam com relação aos turistas, principalmente na época do São João.

Por último daremos destaque aos diferentes sotaques de Bumba meu Boi no Maranhão e principalmente o sotaque de orquestra, dando ênfase para a região do Munim onde está localizada a bela cidade de Morros, que encanta todos que por lá passam com sua história, seus atrativos, suas festas, cujo principal personagem é o Bumba meu boi de Morros, onde analisaremos toda sua história, suas origens, sua estrutura e seu planejamento anual que vai dos ensaios que começam no mês de Março ao ritual de morte do boi que acontece no mês de Setembro.

2 TURISMO CULTURAL

Pode-se falar que a origem dessa relação do Turismo com a cultura deu-se no grand – tour europeu, quando os aristocratas e a burguesia, que eram os viajantes dessa época procuravam por monumentos, ruínas e obras de arte dos antigos gregos e romanos.

Dessa época para os dias atuais a cultura continua sendo um grande atrativo para as viagens, sendo que houve algumas mudanças na forma de se definir o que era a cultura, antes vista como idéia de civilização e com o passar dos tempos passou-se a ver a cultura como todas as formas de ser e fazer dos humanos, sendo assim pode-se concluir que todos os povos são detentores de cultura.

Analisando o turismo segundo o critério da motivação, aparece uma quase infinita variedade de possibilidades, que podem ser agrupadas em duas grandes divisões, o turismo motivado pela busca de atrativos naturais e o turismo pela busca de atrativos culturais.

Assim, entende-se por “turismo cultural” todo turismo em que o principal atrativo não seja a natureza, mas algum aspecto da cultura humana. Completando o conceito de turismo cultural, vê-se ele como a procura por estudos, cultura, artes cênicas, festivais, monumentos, sítios históricos ou arqueológicos, manifestações folclóricas ou peregrinações, de acordo com a Organização Mundial do Turismo.

No que se refere à cultura, Clifford Geertz afirma que:

(...) O homem é um animal amarrado a teias de significados por ele mesmo. A cultura seria este emaranhado de teias e as conseqüentes análises que são construídas ao longo do tempo por seus componentes, compreendendo-a através de seu aspecto semiótico, que se constitui como uma ação simbólica repleta de significados. (Geertz, 1989, p56).

O turismo cultural era até bem pouco tempo, apenas umas das segmentações pelas quais os teóricos e estatísticos procuraram qualificar as diferentes motivações nos deslocamentos das pessoas.

Muniz Sodré acrescenta ainda que:

(...) Cultura é o conjunto dos instrumentos de que dispõe a mediação simbólica (língua, leis, ciências, artes, mitos) para permitir ao indivíduo ou ao grupo a abordagem do real. Os instrumentos ditos culturais são "equipamentos" coletivos ou grupais, postos à disposição de todos. (Sodré, 2001, p78).

Hoje, o fator cultural ganhou novos espaços de práticas e teorizações, estando presente nos projetos turísticos tanto na sua concepção inicial, no planejamento, como nos desdobramentos da gestão do marketing turístico.

Sendo assim, pôde-se verificar que o turismo cultural estabelece uma relação benéfica com o patrimônio, criando meios que possibilitem a sua conservação, e com o patrimônio cultural conservado ele passa a ser mais valorizado por todos em todos os aspectos.

A atividade turística quando ocorre em determinadas culturas pode trazer esses benefícios para as populações. Santos e Barretto (2006) citam o exemplo de Bali, onde essa atividade teve efeitos significativos, contribuindo na revitalização de danças e outras manifestações culturais. Como por exemplo, o artesanato que sofreu alterações em função dos gostos dos visitantes, buscou uma alternativa para que as tradições fossem conservadas, esse processo é chamado de hibridismo cultural.

Nele é observado que a relação entre duas culturas diferenciadas resulta em uma terceira cultura, pois há uma troca cultural modificando-as. Sendo assim, as mudanças ocorrem nos traços culturais que são trocados através dessa relação.

O turismo é produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais. O turismo cultural, tal qual o concebemos atualmente, implica não apenas a oferta de espetáculos ou eventos, mas também a existência e preservação de um patrimônio cultural representado por museus, monumentos e locais históricos.

Dentre todas as motivações que geram os deslocamentos turísticos, uma classificação específica tem obtido altos índices de desenvolvimento, graças ao aumento de demandas interessadas por conhecer outras culturas.

O chamado turismo cultural se caracteriza pelo interesse na obtenção de novas informações, conhecimentos, o encontro com outras

peçoas, comunidades e lugares, a fim de se conhecerem os costumes, tradições, enfim, a identidade cultural do local visitado.

Graças a seu caráter histórico, este segmento proporciona um elo entre o passado e o presente, o contato e a convivência com a cultura local, através de cada particularidade do lugar.

Ao se optar pelo desenvolvimento deste tipo de turismo nota-se o intuito de, através da cultura local e do seu patrimônio, promover também o desenvolvimento social e econômico do município.

Margarita Barreto acredita que:

O turismo cultural pode ser uma alternativa ao turismo de massa, aquele que busca atrair um número elevado de pessoas a um determinado lugar, sem levar em consideração os impactos que ocasiona, e, não proporciona os “contatos realmente interativos” com patrimônio cultural e a população local, diferentemente do turismo cultural. (Barreto, 2000, p.24).

O paradoxo desse tipo de turistas é que provocam grandes alterações na dinâmica da sociedade receptora, que se reflete em mudanças nos usos e costumes, na divisão social do trabalho, no relacionamento interpessoal, sobretudo no familiar sem que haja contatos realmente interativos com a população receptora.

Esta última só tem visibilidade como prestadora de serviços, e, por sua vez, o turista é visto pela população local apenas como um fator de produção, um capital ambulante, um portador de dinheiro com o qual tudo se comercializa, até o sorriso.

O turismo é uma grande alternativa para o desenvolvimento mundial, inclusive no Brasil e podemos perceber como algumas cidades cresceram por causa do turismo, por isso é importante observar-mos o quanto é importante o modo como a atividade turística é implementada, pois em alguns lugares essa atividade causa muitos danos ao patrimônio cultural.

O turismo pode ser uma ferramenta para o resgate histórico e cultural da população, e não ser apenas uma atividade econômica, utilizada para formar renda ou alguma forma de lazer para a população.

Também podemos destacar que o turismo pode auxiliar o desenvolvimento de determinado local, e trazer muitos benefícios para uma comunidade. Mas para que isso ocorra de uma maneira mais sustentável e

com qualidade de vida para a população local, a dinâmica social e as relações estabelecidas com determinada prática cultural não devem ter sua dinâmica atrelada à atividade, para que assim não percam sua essência e possam ser preservadas.

Partindo do princípio da importância de se conservar o patrimônio cultural, pode-se dizer que quanto melhor ele estiver conservado, maior serão as possibilidades de tal patrimônio ser apropriado pelo turismo, dessa forma, estabelece-se uma relação de troca, enquanto o turismo auxilia na conservação do patrimônio, o patrimônio conservado ajuda o turismo a vender os atrativos histórico-culturais que ele possui.

Para Reinaldo Dias:

Esta é uma das modalidades de turismo alternativo que apresenta uma das maiores possibilidades de crescimento, dada à diversidade de conteúdos que podem ser explorados, tornando-se excelente complemento a qualquer outra forma de turismo. (Dias, 2005, p71).

Observamos que turismo cultural é um conjunto de valores de cada local, uma forma de conviver com o passado, de conhecer um patrimônio, de resgatar as culturas, costumes, tradições e crenças mostrando valores de cada cidade, valorizando as suas tradições e preservando o seu patrimônio, não apenas para o bem da cidade, mas para o bem de todos.

Portanto por esses fatores o uso turístico deve sempre atuar no sentido de fortalecimento das culturas.

O turismo cultural faz com que as pessoas adquiram conhecimento, já que cada cidade tem sua identidade, sua cultura, sua tradição, sua crença, seu costume e seu modo de vida em geral. Sendo assim, não podemos deixar que os laços culturais se rompam com o passar do tempo.

Segundo Hidalgo:

O saldo final, que vai poder verificar se o turismo tem causado impactos positivos, ou seja, levado de fato um território ao crescimento econômico acompanhado de melhoria de vida, vai depender muito do grau de desenvolvimento que cada lugar possui. No caso dos países desenvolvidos já existe uma infra-estrutura social, comercial e normativa que proporciona um contexto mais favorável para a atividade turística o que por vez nos países em desenvolvimento, o turismo que chega para estabelecer essa infra-estrutura, além de que o progresso está quase sempre impulsionado pelos critérios financeiros dos promotores da área e das empresas multinacionais e precisam ser alcançados em curto prazo, é nesse

contexto que está à dialética da atividade turística. (Hidalgo, 1996, p80).

É importante destacar que, uma manifestação cultural, seja uma festa religiosa, rituais, danças, ou até mesmo conhecimentos técnicos ou culinários, deve buscar manter a sua dinâmica independente da atividade turística, para que não sejam simplesmente vendidas como entradas para concertos musicais, ou com uma refeição num restaurante típico.

Evita-se assim, que estas percam a sua característica pessoal enquanto manifestação repleta de sentido dentro de um contexto social, para se tornarem apenas objetos de consumo.

Martins analisa ainda que:

O turismo, com sua gama de personagens e interesses, apesar de poder desestabilizar processos de socialização característicos do lugar ao mesmo tempo "implementa algumas situações sociais coletivas que permitem aos nativos assegurarem alguns elementos identitários de sua cultura", ou seja, a cultura nativa resguarda-se na medida em que reinventa uma ordem que pode estar sob constante ameaça. (BANDUCCI, 2001, p37).

Devem-se criar condições para que uma manifestação possa ser apreciada por um turista, mas não se pode conceber uma manifestação local reproduzida exclusivamente para o turista. Por isso, antes de se desenvolverem projetos turísticos, principalmente os voltados para o turismo cultural, são necessárias reflexões sobre o significado e o valor que se dão em nossa sociedade, a estas relações estabelecidas entre os seres humanos e o meio ambiente onde estes estão inseridos.

A prática do turismo cultural se desenvolve assim a partir de uma tênue divisão entre os benefícios que podem ser gerados e entre os aspectos negativos que perpassam o desenvolvimento desta atividade.

Neste contexto, a conscientização da população local sobre a importância de suas expectativas, desejos, necessidades, é primordial para que estas pessoas não sejam apenas fantoches de um sistema capitalista que busca o ócio sem qualquer tipo de preocupação social.

Tal como ressalta Álvaro Jr:

O uso turístico do patrimônio, ou dos bens culturais, ainda que mantenha os seus componentes simbólicos, poderá contradizer o seu potencial identitário na medida em que, recriando e espetacularizando permanentemente o patrimônio, transformando-o em mercadoria, este passa a servir aos interesses do mercado e não aos da comunidade que o detém. (BANDUCCI, 2003, p45).

Uma importante ferramenta a ser utilizada a favor da manutenção de tradições e patrimônios culturais é a Educação Patrimonial, através das quais os patrimônios ou bens culturais deixam de ser objetos de mera contemplação e passam a ser um meio de conhecimento e valorização da sua própria cultura e identidade. Como afirma Eduardo Yázigi:

(...) a população esclarecida será sempre a melhor guardiã de seus bens. (Yázigi, 1999, p178).

Educar os moradores sobre tais valores não é tarefa fácil, mas torna-se de extrema importância, seja em aulas nas próprias escolas, mini-cursos, oficinas ou através de brincadeiras, para que a cultura se torne um elemento ainda mais intrínseco na vida da comunidade, um bem que venha a ser ainda mais preservado, com manutenção e divulgação que respeite a sua própria dinâmica.

2.1 TURISMO CULTURAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Por muito tempo, se pensava em desenvolvimento, avaliando somente a o crescimento econômico e a riqueza material, esquecendo que o mesmo, tem que provocar mudanças que não sejam somente superficiais, mas que perpassem questões sociais de maneira profunda, pois para que ele ocorra, é preciso que, também seja feita distribuição de riquezas nas diversas áreas, como saúde, educação, cultura, habitação e infra-estrutura.

O desenvolvimento não deve somente estar ligado à economia, mas deve abranger aspectos qualitativos e estar centrado nos grupos humanos. O Estado deve ser o principal promotor desse processo.

Castro, diz que:

Crescer é uma coisa; desenvolver, outra. Crescer é em linhas gerais fácil. Desenvolver equilibradamente, difícil. (Adas 1998, p.90)

Diante desta perspectiva, se pode afirmar que poucos são os países que conseguem essa confluência, e que a maior parte do mundo de alguma maneira se encontra em processo de desenvolvimento, por não ter alcançado esse nível de equilíbrio, pois na maioria das vezes, existe um grande descompasso entre ser rico economicamente e socialmente desenvolvido.

Segundo Coriolano:

Entende-se por desenvolvimento um processo de produção de riqueza com partilha e distribuição de equidade, conforme as necessidades das pessoas, ou seja, com justiça. O desenvolvimento não se refere apenas à economia, ao contrário a economia deve ser tomada em função do desenvolvimento. (Coriolano, 2003, p162).

Partindo do pressuposto que o turismo é uma atividade que ocorre em escala global e local, assim como o desenvolvimento para ser alcançado deve ter a mesma ênfase, é preciso estar atento às conjunturas sociais e econômicas de cada lugar e fazer uma análise minuciosa para detectar todos os elementos que podem transformar a atividade, em algo que traga de fato o desenvolvimento.

A importância que o turismo tem para a geração de receitas de um país é indubitável, mas, algo que tem sido alvo de questionamento, é se a atividade turística, através de todos os números expressados por meio de dados de instituições responsáveis e pelos governos, proporciona um crescimento que atinja as mais variadas camadas da sociedade, fazendo com essas divisas circulem de maneira equitativa, não esquecendo os impactos ecológicos, sociais, culturais que devem ser valorados no resultado final.

No caso dos países desenvolvidos já existe uma infra-estrutura social, comercial e normativa que proporciona um contexto mais favorável para a atividade turística o que por vez nos países em desenvolvimento, o turismo chega para estabelecer essa infra-estrutura, além de que o progresso está quase sempre impulsionado pelos critérios financeiros dos promotores da área

e das empresas multinacionais e precisam ser alcançados em curto prazo, é nesse contexto está a dialética da atividade turística.

É evidente que a atividade turística tem uma importância econômica muito grande, mas deixar de pensar no turismo como algo que faz parte de um fenômeno social, político e ambiental é esquecer a sua multisetorialidade o que pode causar sérios problemas para articulação dessa atividade de extrema complexidade.

Por isso, para que o turismo possa proporcionar impactos positivos expressivos, é importante que haja um olhar voltado para os territórios aonde essa atividade vai ser desenvolvida, e que dentro desses espaços a população pobre seja beneficiada.

O desenvolvimento local é um processo endógeno de mudanças, que leva ao dinamismo econômico e a melhoria de qualidade de vida da população em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos.

Para ser consistente e sustentável, o desenvolvimento local deve mobilizar e explorar as potencialidades locais, contribuindo para elevar as oportunidades sociais e a viabilidade competitiva da economia local, ao mesmo tempo deve assegurar a conservação dos recursos naturais locais, que são à base das suas potencialidades e condições para a qualidade de vida local. Esse desenvolvimento pode ser impulsionado pela organização de festas populares.

2.2 TURISMO X FESTAS POPULARES

Percebemos que o turismo não se limita à comercialização dos espaços e paisagens. Além de utilizar o ambiente natural como atrativo, transforma a cultura local em produto a ser oferecido aos turistas. Neste sentido, o turismo no Brasil, sobretudo nos últimos anos, tem se pautado pela invenção de tradições e pela transformação do folclore e festas populares em mercadorias turísticas, enfim, pela transformação da cultura em espetáculo.

Mesmo as culturas mais tradicionais, que por certo tempo resistiram às transformações de suas manifestações em produto, tendem a aderir gradativamente ao novo modelo global resultante da inserção da lógica do mercado nos diversos setores da vida humana.

As implicações deste processo têm sido analisadas por alguns autores que chamam a atenção para os efeitos da descontextualização da cultura local ao ser apresentada como espetáculo para a observação de visitantes.

Luchiari sugere que:

A dependência desta atividade, a exemplo do que ocorre em muitas comunidades litorâneas, pode submeter as populações locais a uma ordem externa que resulte na desarticulação de culturas. (Luchiari, 2000, p84).

Apesar destas considerações, não podemos descartar a importância desta atividade enquanto geradora de emprego e renda e propulsora do desenvolvimento econômico de algumas regiões.

Se por um lado a atividade turística pode se tornar uma alternativa para a valorização e revitalização de aspectos culturais antes esquecidos, por outro lado, uma preocupação eminente é o risco de descaracterização destas culturas ao serem tornarem atrativos turísticos.

Com o intuito de estimular a discussão acerca da relação entre turismo e cultura, Barreto traz alguns questionamentos:

(...) que repercussões, na história e na cultura locais, são provocadas pela criação de cenários para os turistas? Que influências o turismo exerce sobre as tradições, o artesanato, a música? Haverá uma “cultura para o turista” e uma “cultura real”? (Barreto, 2000, p 53).

Questões como estas irão proporcionar ao longo do trabalho reflexões que irão auxiliar na compreensão da relação entre turismo e cultura.

Os atrativos turísticos, tornados produtos e comercializados como mercadorias, podem ser constituídos de elementos naturais (paisagem e espaços naturais) ou culturais. A cultura local se caracteriza como uma das mais importantes motivações das viagens turísticas.

Ouriques coloca que:

A “cultura local” há tempos se configura como um produto do turismo e, no sentido de ilustrar este fenômeno, o autor demonstra algumas frases retiradas de textos que reproduzem folhetos publicitários de agências de viagem: “No frio polar, aprenda a construir seu próprio iglu como os esquimós; Participe do festival budista no Himalaia, em que as danças com máscaras são um espetáculo à parte; Os

camponeses peruanos e suas lhamas conduzirão você às fontes da cultura andina". (Ouriques, 2005, p.111).

Ao analisar os rituais religiosos de bumba meu boi do Maranhão e ternos de congos do interior de Minas Gerais e São Paulo, Brandão destaca que:

(...) os grupos populares produtores da cultura do folclore aprendem a conviver com as divisões sociais e com os padrões capitalistas de trocas de bens simbólicos. (Brandão, 2003, p67).

Neste sentido, aprendem a reforçar sua identidade de classe, de lugar, de etnia, sua religiosidade (a devoção, a obrigação) e as vantagens empresariais de tornar o ritual um espetáculo passível de ser colocado no mercado das festas e de outros produtos do folclore.

Conforme CANCLINI (1983, p 54):

A festa sintetiza a totalidade da vida de cada comunidade, a sua organização econômica e suas estruturas culturais, as suas relações políticas e as propostas de mudanças. Num sentido fenomênico é verdade que a festa apresenta certa excepcionalidade.

Podemos observar o processo de transformação do carnaval da Bahia, ressaltando o surgimento do que alguns autores chamaram de carnaval organizacional. De forma semelhante, podemos perceber que grupos de Maracatú pernambucano têm sofrido fortes influências na estética de suas apresentações e na organização de suas ações, buscando obter legitimidade de suas ações perante o público.

O turismo pode, então, induzir à produção de atrações inventadas a partir da cultura local, nas quais há uma valorização excessiva da técnica em detrimento da própria autenticidade.

Mesmo que a função social de determinadas formas e práticas locais não seja a mesma, o turismo reinventa e cria novas funções, recupera antigas práticas e bens culturais por meio do folclore, e monta atrações turísticas para a região. O turismo tem a sua importância como propulsor de desenvolvimento econômico de diferentes regiões ao se configurar como uma alternativa de emprego e renda para as localidades, no entanto, aquilo que nos interessa neste trabalho são os reflexos desta atividade na cultura popular local e, principalmente, nas manifestações culturais que a expressam.

3. FESTAS POPULARES NO BRASIL

Podemos observar algumas festas populares espalhadas pelas regiões do país, iremos observar as principais de cada região. As informações abaixo descritas são na maioria de domínio popular, principalmente em relação ao Círio de Nazaré e Festival de Parintins, como também de encartes de jornal e revistas e pela televisão.

3.1 Região Norte

Na região norte podemos destacar duas festas muito importantes no cenário nacional que são o Círio de Nazaré que acontece em Belém – PA e Festival de Parintins que acontece em Parintins – AM.

3.1.1 Círio de Nazaré

Realizado em Belém do Pará há mais de dois séculos, o Círio de Nazaré é uma das maiores e mais belas procissões católicas do Brasil e do mundo. Reúne anualmente, cerca de dois milhões de romeiros numa caminhada de fé pelas ruas da capital do Estado segundo o site do evento, num espetáculo grandioso em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré, a mãe de Jesus.

No segundo domingo de outubro, a procissão sai da Catedral de Belém e segue até a Praça Santuário de Nazaré, onde a imagem da Virgem fica exposta para veneração dos fiéis durante quinze dias. O percurso é de 3,6 quilômetros e já chegou a ser percorrido em nove horas e quinze minutos, como ocorreu no ano de 2004, no mais longo Círio de toda a história.

Na procissão, a Berlinda que carrega a imagem da Virgem de Nazaré é seguida por romeiros de Belém, do interior do Estado, de várias regiões do país e até do exterior. Em todo o percurso, os fiéis fazem manifestações de fé, enfeitam ruas e casas em homenagem à Santa. Por sua grandiosidade, o Círio de Belém foi registrado, em Setembro de 2004, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial.

A devoção a Nossa Senhora de Nazaré teve início em Portugal. A imagem original da Virgem pertencia ao Mosteiro de Caulina na Espanha.

Em decorrência de uma batalha, a imagem foi levada para Portugal, onde, por muito tempo, ficou escondida no Pico de São Bartolomeu. A notícia de a imagem ter sido encontrada se espalhou e muita gente começou a venerar a Santa. Desde então, muitos milagres foram atribuídos a ela.

No Pará, foi o caboclo Plácido José de Souza quem encontrou, em 1700, às margens do igarapé Murutucú (onde hoje se encontra a Basílica Santuário), uma pequena imagem da Senhora de Nazaré. Após o achado, Plácido teria levado a imagem para a sua choupana e, no outro dia, ela não estaria mais lá. Correu ao local do encontro e lá estava a “Santinha”. O fato teria se repetido várias vezes até a imagem ser enviada ao Palácio do Governo. No local do achado, Plácido construiu uma pequena capela.

Em 1792, o Vaticano autorizou a realização de uma procissão em homenagem à Virgem de Nazaré, em Belém do Pará. Organizado pelo presidente da Província do Pará, capitão-mor Dom Francisco de Souza Coutinho, o primeiro Círio foi realizado no dia 8 de setembro de 1793. No início, não havia data fixa para o Círio, que poderia ocorrer nos meses de Setembro, Outubro ou Novembro. Mas, a partir de 1901, por determinação do bispo Dom Francisco do Rêgo Maia, a procissão passou a ser realizada sempre no segundo domingo de Outubro.

Tradicionalmente, a imagem é levada da Catedral de Belém à Basílica Santuário. Ao longo dos anos, houve adaptações. Uma delas ocorreu em 1853, quando, por conta de uma chuva torrencial, a procissão que ocorria à tarde passou a ser realizada pela manhã.

No sábado, logo após a chegada da Motoromaria, acontece uma das cerimônias mais esperadas da quadra nazarena: é quando a imagem original de Nossa Senhora de Nazaré, encontrada por Plácido de Souza em 1700, desce da Glória sobre altar-mor da Basílica Santuário, para ficar mais próxima dos fiéis. Todos os anos, ver de perto a pequena imagem de 28 centímetros, emociona os milhares de peregrinos que chegam de todos os cantos para prestar homenagens à Rainha da Amazônia.

A imagem, que fica recolhida na Glória durante todo o ano, é então colocada em um nicho no presbitério, no dia anterior à procissão do Círio. Isto

acontece sempre ao meio dia, depois que a motoromaria chega ao colégio Gentil Bittencourt.

Esse ritual acontece desde 1969 e as primeiras vezes ocorriam de forma simples e a portas fechadas, sempre às 23 horas da véspera do Círio. Só a partir de 1992 é que os romeiros puderam acompanhar a descida da imagem com uma cerimônia embalada por cânticos e orações.

Transcorridos 16 dias junto aos romeiros, é hora da imagem original de Nossa Senhora de Nazaré retornar a Glória, sobre o altar-mor da Basílica Santuário. A cerimônia acontece pouco antes da Missa do Recírio, às 6 horas da segunda-feira.

Um dos momentos mais emocionantes é a hora que os milhares de fiéis, ali reunidos, vêem o arcebispo de Belém caminhar até o nicho, retirar a pequena imagem e erguê-la para abençoá-los. Ela é reconduzida então à sua redoma de cristal, lá permanecendo entre os anjos esculpidos que lhe fazem companhia até o próximo Círio.

A corda é um dos principais símbolos do Círio. Une sofrimento, fé e crença em Nossa Senhora. Cultada por milhares de romeiros e personifica a penitência do povo à Virgem de Nazaré. Ela foi introduzida à procissão por acaso, em 1866, quando o carro de boi que conduzia a imagem da Santa atolou próximo ao mercado Ver-o-Peso.

Foi preciso emprestar uma corda dos barqueiros, que por ali estavam para desatolar a Berlinda. A partir de então, os organizadores da procissão sempre levavam uma corda, por precaução. Aos poucos, ela foi substituindo os cavalos e bois que puxavam a Berlinda, sendo introduzida oficialmente à procissão em 1885. De lá pra cá, a corda passou a ser o principal elo entre os devotos e Nossa Senhora de Nazaré.

É nela que homens e mulheres se unem como num terço gigantesco, para agradecer à Virgem a graça alcançada. Ao longo dos quase cinco quilômetros de procissão, o sacrifício de cada um dos promesseiros pode ser percebido nos rostos, nos pés descalços e nas mãos calejadas que se agarram ao meio palmo de promessa mais disputado da procissão. Um sacrifício de quase cinco horas que é recompensado ao final do percurso, quando num gesto de fé, os devotos ainda encontram forças para erguer a corda em homenagem a Virgem de Nazaré.

Além da procissão de domingo, o Círio agrega várias outras manifestações de devoção, como a romaria fluvial, a romaria rodoviária e diversas outras peregrinações e romarias que ocorrem na quadra Nazarena.

3.1.2 Festival de Parintins

Cada apresentação é uma experiência única. Assiste-se, tudo ao mesmo tempo, uma suntuosa apresentação musical, uma procissão religiosa, um ritual tribal, um show de bonecos gigantescos, um conto de fadas com poderosos vilões e bravos heróis, uma apresentação folclórica, uma grandiosa festa para a platéia e uma energizante coreografia dos torcedores dos bois.

Apesar de ambos os bois contarem a mesma história todas as noites, de forma que o público a assiste seis vezes o mesmo espetáculo, cada noite é diferente, pois as lendas, os rituais, as danças tribais, os bonecos, os trajes, as alegorias, tudo muda, tornando-se num espetáculo completamente novo. O Festival de Parintins é ao mesmo tempo um show e uma disputa.

Há duas equipes competindo, o Boi Caprichoso e o Boi Garantido. O boi é o personagem principal da história que é apresentada todas as noites. O lugar para o festival é uma arena que acomoda trinta e cinco mil espectadores. Cada Boi tem três horas para se apresentar e depois das apresentações os espectadores podem experimentar as comidas e bebidas típicas da região nos inúmeros bares e lugares próximos ao Bumbódromo sem hora para fechar.

Tanto o Boi Garantido quanto o Boi Caprichoso, teriam nascido graças às promessas feitas a São João Batista. Por motivos diferentes, mas tendo as promessas sido atendidas cumpriram o que prometiam e, ambos os Bois, a partir dali, se apresentariam todos os anos, isso era garantido diria o Garantido, e no capricho, diria o Caprichoso.

O festival de Parintins começou modestamente. Naqueles dias, eram simples procissões pelas ruas da cidade. Com o passar do tempo, o festival, a história e os personagens foram mudando para incorporar as lendas de índios locais, os rituais, as músicas e as danças. Celebra também o tradicional estilo de vida do caboclo, o homem da Amazônia.

O festival é também um desafio e o vencedor é escolhido por um júri, que avalia o desempenho de cada Boi em diversas categorias: apresentação do Boi, apresentação da tribo indígena, apresentação dos tuxauas que são os chefes indígenas, apresentação dos rituais, melhor música, melhores alegorias, melhor coreografia entre outros critérios. Um dos mais marcantes aspectos do festival é a participação do público que lota o Bumbódromo, local onde se apresenta o festival.

O apoio dos torcedores é uma das categorias julgadas na disputa, então cada Boi tem pessoas especialmente designadas para comandar e orquestrar os torcedores. O Bumbódromo fica dividido em duas metades, de forma que fãs do Garantido e fãs do Caprichoso ficam nos seus respectivos “territórios”.

Durante a apresentação do seu Boi os fãs dançam, balançam lenços e candeias. Os torcedores vibram com a entrada de cada personagem no Bumbódromo. Mas, um torcedor de um boi jamais pode torcer para o outro boi porque assim estará contribuindo para a vitória do boi contrário.

Todos em Parintins tem raízes voltadas para algum deles, Caprichoso ou Garantido, não há meio termo. Interessante como os torcedores do boi contrário silenciam completamente durante uma apresentação, isso porque até mesmo a vaia daria pontos preciosos para o boi que estiver se apresentando e ninguém quer dar pontos para o adversário.

A música adquire um tom peculiarmente indígena devido ao som das palminhas, dos maracás de lata, dos tambores. O ritmo, enriquecido pelo desfile da tribo indígena, tem a batida de uma dança indígena.

Em Parintins o bumba meu boi expressa o agradecimento a São João pela graça recebida e como Junho é o mês do Santo, este é o mês do festival. Como parte do ciclo de festas juninas, quando também são celebradas as festas a Santo Antônio e São Pedro.

Próprio das festas nordestinas, o festival de Parintins apresenta-se com uma grande massa de figurantes, em torno de três mil brincantes, como são chamadas as pessoas que se apresentam durante o festival.

O turismo é uma importante fonte de renda para o município. Cerca de setenta mil turistas visitam a cidade na época do Festival de acordo com a secretaria de turismo, aquecendo a economia local, e também são oferecidas

diferentes opções de lazer, como por exemplo, para quem gosta de pescar a época de visitar Parintins é durante a vazante dos rios, de Setembro a Dezembro e uma das opções é mergulhar nas águas limpas do rio Uaicurapá.

3.2 Região Centro Oeste

3.2.1 Festa do Divino em Pirenópolis – GO

A Festa do Divino Espírito Santo é uma festa móvel que acontece cinquenta dias após a Páscoa, durante as comemorações de Pentecostes. Geralmente a data cai no mês de maio ou junho. A Festa do Divino em Pirenópolis é a mais significativa de todas as festas do gênero no Brasil. São doze dias de festa da manifestação popular mais importante da cidade. A festa do Divino Espírito Santo, comemorada em Pirenópolis desde 1819, reúne desfiles das bandas de música, queima de fogos, congadas, bailes, entre outros eventos.

O principal organizador e responsável pela festa é o Imperador, eleito através de sorteio realizado no domingo do Divino do ano anterior. Em Pirenópolis o cargo pode ser ocupado por qualquer pessoa, independente da idade ou posição social, sendo que os ricos promovem a festa com seus próprios recursos e os pobres, com ajuda do povo.

Criado para ser um representante da Família Real e Corte Portuguesas, sua função é distribuir alimentos para a população e realizar a libertação simbólica de presos da cidade, ato que, antigamente, acontecia de verdade.

Entre os momentos mais importantes da festa está à procissão do Divino, quando o Imperador, acompanhado pelas bandas de música populares, segue até a igreja para acompanhar o sorteio de seu sucessor. Após a missa, o Imperador retorna à sua casa e distribui "Verônicas de Alfenim" e "Pãezinhos do Divino", comidas típicas da festa, a todas as virgens.

A Mandala, símbolo do Divino representa a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos (Pentecostes), enquanto a pomba branca, da cor da paz, significa o Divino Espírito Santo.

A Festa do Divino Espírito Santo acontece em várias regiões do País, mais o evento realizado na pequena cidade goiana é considerado o mais bonito do Brasil e atrai milhares de turistas. O fato se deve à Cavallhada, uma bela e emocionante encenação onde os cavaleiros revivem lutas medievais envolvendo mouros e cristãos.

A programação inclui ainda coroação do imperador, espetáculos de fogos de artifício, repique de sinos e procissão de bandeiras. Os eventos são sempre acompanhados pelos mascarados, que se fantasiam com coloridas cabeças de boi ou de onça e divertem a garotada.

3.3 Região Sudeste

3.3.1 Carnaval do Rio de Janeiro

Todos os anos, na época de carnaval, a cidade do Rio de Janeiro respira durante cinco dias um ar de alegria. Os cariocas esquecem problemas e obrigações e rendem-se ao gigantesco espetáculo de dança e magia.

O auge da festa é o desfile do grupo especial na Marquês de Sapucaí, onde diversas escolas de Samba disputam entre si o título de campeã do Carnaval. Samba, cores vivas, fantasias esplêndidas e a presença de vários artistas são os principais ingredientes desta disputa grandiosa.

A data do carnaval varia de ano para ano em função da páscoa. Geralmente a festança ocorre entre o final do mês de Fevereiro e os primeiros dias de Março. O início oficial do carnaval sempre é em um sábado e o término ao meio-dia da quarta-feira seguinte, que é a quarta-feira de Cinzas. Algumas pessoas até dizem que aqui no Brasil o ano só começa oficialmente após o carnaval.

Durante a maior parte da década de noventa, o carnaval ficou reduzido aos desfiles das escolas de samba e aos grandes bailes em clubes fechados. O conhecido e tradicional "carnaval de rua", em que as pessoas brincam espontaneamente sem pagar entrada, fora abandonado. Nos últimos anos, entretanto, essa forma de festejar está sendo recuperada.

Apesar do carnaval ser celebrado em milhares de cidades à volta do globo, o Rio de Janeiro eternizou-se como a capital do carnaval mundial. O

carnaval do Rio não é somente o maior, mas, serve também de referência para qualquer outro se comparar e demonstrar a sua grandiosidade.

Todos, em qualquer parte, já ouviram falar do carnaval do Rio, evento que anualmente movimenta mais de meio milhão de turistas que se deslocam ao Brasil especialmente para poder ver in loco este acontecimento segundo dados da Agência Brasil.

Devido a toda sua importância, o desfile das escolas de samba ganhou um lugar exclusivo como foi destacado anteriormente. Alguns o consideram um gigantesco teatro, já que tem uma passarela de oitocentos metros de extensão, circundado por arquibancadas, frisas e camarotes de onde a platéia acompanha todo o espetáculo. A festa envolve um batalhão de pessoas que trabalham durante todo o ano sem parar até o dia do desfile.

Geralmente cada escola de samba representa uma comunidade diferente da cidade. No comando de cada uma delas estão os carnavalescos, profissionais gabaritados, extremamente criativos e bem remunerados que são responsáveis por tudo que se vê na avenida. Eles trabalham juntamente com músicos, letristas, coreógrafos, desenhistas e com outros vários profissionais que os assessoram no desenvolvimento do enredo que a escola escolheu para apresentar no Sambódromo.

Enquanto os carnavalescos se preocupam com a criação, quem faz realmente a festa são os milhares de integrantes da escola, geralmente pessoas da comunidade ou quem queira estar na passarela do samba. Isso mesmo, a participação é aberta a quem queira comprar uma fantasia e estar no centro das atenções da festa.

Nem só do desfile das escolas de samba é feito o Carnaval carioca. Fora do Sambódromo, o carnaval do Rio se caracteriza também pela animação das bandas e blocos que desfilam pelas ruas da cidade.

A festa se inicia geralmente com um evento que é realizado na Avenida Rio Branco, no centro da cidade quando o prefeito entrega simbolicamente as chaves da cidade ao Rei Momo. Depois, todos vão para a Cinelândia (bairro que fica no centro da cidade) que se transforma em um grande clube de carnaval, animado por bandas que interpretam marchinhas carnavalescas e samba.

Uma outra opção são os blocos espalhados pelos bairros da cidade. Os mais tradicionais são a Banda de Ipanema, que sai há mais de 30 anos pelas ruas do bairro de Ipanema. O Suvaco de Cristo, que desfila no domingo de Carnaval pelas ruas do bairro Jardim Botânico, o Bola Preta, que sai no sábado pelas ruas do centro da cidade e o Monobloco, comum entre os jovens cariocas, que desfila no domingo pela orla do Leblon até chegar em Ipanema.

3.4 Região Sul

3.4.1 Oktoberfest em Blumenau – SC

Inspirada na Oktoberfest de Munique, a sua versão blumenauense nasceu da vontade do povo em expressar seu amor pela vida e pelas tradições germânicas. Sua primeira edição aconteceu em 1984. Consagrada como a segunda maior festa alemã do mundo, a Oktoberfest é confraternização de gente de todas as partes. E ela nasceu inspirada na maior festa da cerveja do mundo, a Oktoberfest de Munique, Alemanha, que deu seus primeiros passos em 1810, no casamento do Rei Luis I da Baviera com a Princesa Tereza da Saxônia.

Conforme está no site da festa, são 18 dias de festa, em que os blumenauenses se integram com visitantes de todo o Brasil e do exterior. E não há quem não se encante com os desfiles, com a participação dos clubes de caça e tiro ou com a apresentação dos grupos folclóricos.

De acordo com o este mesmo site ento, a Oktoberfest de Blumenau ao longo de suas vinte e três edições reuniu quase quinze milhões de pessoas no Parque Vila Germânica. Isto significa que um público superior a setecentas mil pessoas, em média, por ano, participou da festa desde a sua criação.

O segredo para este sucesso é que a Oktoberfest de Blumenau é um produto que se mantém autêntico, preservando as tradições alemãs trazidas pelos colonizadores há cento e cinquenta anos. E são as belezas desses traços que conquistaram o país inteiro.

À noite, é no Parque Vila Germânica que todos se encontram e fazem da Oktoberfest um acontecimento incomparável onde todas as tradições

alemãs afloram na sua máxima expressão, através da música, da dança, dos belos trajes, da refinada culinária típica e do saboroso chope.

A Oktoberfest não é só cerveja, é folclore, memória, tradição. Durante o evento os blumenauenses mostram para todo o Brasil a sua riqueza cultural, revelada pelo amor à música, à dança e à gastronomia típicas, que preservam os costumes dos antepassados vindos da Alemanha para formar colônias na região Sul.

A cultura germânica o turista confere pela qualidade da festa, dos serviços oferecidos, através de sociedades esportivas, recreativas e culturais, dos clubes de caça e tiro e dos grupos de danças folclóricas.

Todos eles dão um colorido especial ao evento, nas apresentações, nos desfiles pelo centro da cidade e nos pavilhões da festa, por onde circulam, animando os turistas e ostentando, orgulhosos, os seus trajes típicos. É por essa característica que a festa blumenauense, versão consagrada da Oktoberfest de Munique, transformou-se, a partir de 1988, numa promoção que reúne mais de quinhentas mil pessoas.

E foi também, a partir dela que outras festas surgiram em Santa Catarina, tendo a promoção de Blumenau como carro-chefe, fato que acabou por tornar o território catarinense no caminho preferido dos turistas no mês de Outubro.

3.5 Região Nordeste

3.5.1 Carnaval em Salvador

Outra grande festa que podemos destacar na região nordeste é o carnaval em Salvador, festa essa que atrai milhares de pessoas durante o período de carnaval.

O som eletrizante do trio elétrico é a deixa para que nos três circuitos Osmar (Avenida), Dodô (Barra-Ondina) e Batatinha (Centro Histórico) haja uma verdadeira explosão de alegria. Os blocos afro com seus tambores e o som orientalizado também contribuem para o sucesso dessa grande festa rica de ritmos, estilos e manifestações artísticas. O carnaval em Salvador todo ano tem duração de seis dias, onde muitos nomes do axé e outros ritmos se

apresentam em cima dos mais variados trios elétricos, puxando os diversos blocos pelas ruas de Salvador.

Os locais dos circuitos ocupam uma área de vinte e cinco quilômetros, abrigando camarotes, arquibancadas, postos de saúde, postos policiais, além de toda uma infra-estrutura especial montada pelos diversos órgãos municipais, estaduais e federais.

Nos seis dias de festa, Salvador recebe gente de todo o estado da Bahia, de todo o país e dos quatro cantos do mundo que se unem numa mesma emoção, e só para se ter uma idéia o número de foliões chega a dois milhões de acordo com dados da Bahiatursa.

3.5.2 São João

A chegada do mês de Junho em todos estados do Nordeste do Brasil representa um período de festa e fartura. A alegria não é pela colheita e pela chuva, que são aguardados o ano inteiro pelo povo no sertão nordestino, mas pela realização dos festejos juninos nos nove estados da região: Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Piauí, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe de acordo com revistas e sites relacionados com o assunto.

Mais do que o carnaval, são as festas juninas que melhor refletem a forte identidade cultural entre esses estados. E, enquanto na maioria das cidades do interior nordestino as comemorações ainda guardam um aspecto familiar, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe e Maranhão organizam megaeventos para atrair turistas de todo o país e a gerar muitos postos de trabalho.

Em Estados como a Bahia, o período marca o início das férias escolares, sendo assim mais ou menos quatrocentas mil pessoas deixam a capital com destino às cidades do interior para aproveitar o São João no interior onde os lugares mais procurados são as cidades de Cruz das Almas, Amargosa e Senhor do Bonfim.

Em outros lugares como Caruaru (PE) e Campina Grande (PB), fazem dos festejos juninos um dos principais geradores de emprego e de renda. Para se ter uma idéia, juntas as cidades aguardam durante o período

junino a chegada de cerca de quatro milhões de visitantes e a geração de cinco mil postos de trabalho.

Em Salvador, os festejos são concentrados no Centro Histórico, entre o Pelourinho e a Praça da Sé, onde acontecem concurso de quadrilhas, apresentações de trios, maracatus e boi-bumbá. As homenagens aos santos de Junho na capital baiana começaram com a Trezena de Santo Antonio, a partir do dia 1º. Depois, o forró toma conta das ruas do Centro Histórico com a realização de dezenas de shows e apresentações culturais por três fins de semana seguidos, a partir do dia treze.

Diversas atrações se apresentam durante o festejo, entre elas estão vários artistas locais. Na programação há também artistas ligados à música nordestina. As apresentações seguem até o dia vinte e nove, quando os festejos serão encerrados.

Há uma outra opção além do Centro Histórico durante o São João na capital baiana, é um evento que todo ano movimentava as noites juninas de Salvador que é o "Arraiá da Capitá", que acontece na primeira semana de Junho. A festa que acontece todo ano no Parque de Exposições agropecuárias da capital baiana oferece um conjunto de atrações que vai desde shows e apresentações de bandas e cantores nordestinos a barracas características que vão divulgar as festas de diversas cidades do interior.

Em Aracaju é organizado um grande arrasta-pé, o Forró Caju, um evento que atrai visitantes de toda a parte, principalmente dos estados da Bahia e Alagoas. A programação do evento tem seu ponto alto geralmente entre os dias vinte a vinte e cinco de Junho, e como na maioria dos estados nordestinos o evento conta com a participação de grandes nomes do forró moderno e também do tradicional.

Para se ter uma idéia o evento atrai um público médio diário de cem mil pessoas, sendo que os investimentos chegam a mais ou menos quatro milhões de reais que são recursos da prefeitura e do governo do estado de acordo com dados do próprio governo.

Além das apresentações musicais, o público também pode conferir atrações que remetem à cultura regional como o casamento na roça, quadrilhas e claro, podem aproveitar a culinária regional onde são oferecidas pelas barracas espalhadas pela festa.

Recife faz um dos melhores Carnavais do Brasil com quase uma semana dedicada ao Frevo, mas, no mês de Junho, o ritmo que toma conta dos moradores da cidade e os visitantes é o forró. Os festejos juninos possuem uma grande atração que é o Trem do Forró que encanta nativos e visitantes.

Há 18 anos, a locomotiva puxa dez vagões lotados por 18 estações de pura alegria entre Recife e o município de Cabo de Santo Agostinho, animado por canções entoadas pelos trios de forró. As partidas são realizadas na Praça do Marco Zero, e a viagem chega até cinco horas de duração.

A locomotiva da uma parada no meio do caminho, na cidade de Pontezinha, é um ritual sagrado para aqueles que estão a bordo do trem. Durante a pausa, o passageiro tem acesso às barracas de comidas típicas e artesanato e às apresentações de trios e bandas de pífanos.

Todo ano as viagens são agendadas durante todo o mês de Junho e a capacidade é de até mil pessoas por dia. Segundo a organização, no ano passado (2008), cerca de oito mil pessoas dançaram no embalo do trem. Os organizadores informam ainda que, a cada ano, o Trem do Forró gera cerca de trezentas e vinte vagas temporárias de empregos para bares, restaurantes e hotéis, entre outros estabelecimentos.

Em São Luís podemos observar também que o forró está presente em alguns lugares, mas o forte do São João do Maranhão são os arraiais, onde diversas apresentações acontecem nos mais de cem arraiais que estão espalhados por toda a capital.

Dentre estas apresentações estão Quadrilha, Dança Portuguesa, Dança do Boiadeiro, Tambor de Crioula, Cacuriá, Bumba meu Boi e diversos nomes da música popular maranhense como Mano Borges, César Nascimento, Rosa Reis, Papete entre outros. Podemos destacar também que tanto os moradores quanto os visitantes podem aproveitar as delícias da culinária maranhense nas barracas dos arraiais e nos restaurantes da cidade.

4 O TURISMO CULTURAL NO MARANHÃO

O Turismo Cultural é um segmento que vem contribuindo para o crescimento da atividade turística em nosso estado, devido a grande variedade de atrações culturais, que desperta no turista o interesse de vivenciar e aprender sobre a nossa cultura.

Segundo Torres:

A animação cultural é o conjunto de atividades que visa interagir os turistas com as manifestações culturais de uma localidade, provocando o seu interesse pelas mesmas e desta forma fazendo-o vivenciar e entender melhor outros comportamentos e atitudes, muitas das vezes bem diferentes, do que existe em seu local de origem. (TORRES, 1995, p 29).

Sabemos que a cultura maranhense possui uma variedade muito grande de atrativos culturais, temos sua arquitetura com seus prédios antigos e suas riquezas coloniais, sua culinária muito variada que atrai e satisfaz sua comunidade e seus visitantes e também suas danças populares que estão espalhadas em várias regiões do estado. Daremos uma importância maior para as danças populares ao longo do trabalho científico, onde observaremos suas danças, folguedos, artesanato, festejos religiosos e profanos. Manifestações folclóricas que fazem do Estado do Maranhão e, São Luís um ponto diferenciado dos demais pólos turísticos.

Ferretti cita a cultura da seguinte forma:

Em toda a cultura, por mais tradicionalista que seja, alguns aspectos vão sendo modificados através dos tempos e outros são suprimidos para dar o lugar ao que vai sendo criado pela pessoa. (FERRETI, 1999, p.28).

Outro aspecto que precisa ser analisado é sobre a riqueza do patrimônio cultural de São Luís e suas diversas manifestações populares, como o Cacuriá, Tambor de Crioula, Dança do Côco, Dança do Lelê e o Bumba meu boi.

4.1 DANÇAS POPULARES

4.1.2 Cacuriá

O Cacuriá originou-se a partir do Carimbó de Caixeiras, Baile de Caixas ou Baile de Velhas, que é uma espécie de confraternização realizada após a derrubada do mastro da Festa do Divino Espírito Santo.

“Festa – Reunião alegre para fim de divertimento. Solenidade, comemoração. Dia santificado, de descanso, de regozijo e alegria.” (FERREIRA, 1977, p.220).

Este termo Cacuriá, não foi encontrado no dicionário ou mesmo em algum livro de cultura popular do Maranhão consultado. Mas, alguns praticantes desta manifestação definiram este termo como é o caso de Dona Teté, Senhor. Tourinho, e Dona Cecília.

Segundo Dona Maria da Paz, o Cacuriá surgiu em 1972, criado por seu Lauro (Alauriano Campos de Almeida), grande praticante de manifestações populares, pois ele tinha grupos de bumba-meu-boi e tambor de crioula, que inspirou-se justamente no Carimbó de Caixeiras, Baile das Velhas, Bambaê de Caixa, Lelê de Caixa ou Terecô, que é uma confraternização que as caixeiras e participantes do Divino realizam na terça-Feira logo após o domingo de Pentecostes, para a criação do Cacuriá.

A partir de seu Lauro, os casais executam coreografias bem trabalhadas e ensaiadas de acordo com determinadas músicas, pois geralmente cada música tem sua própria coreografia e estas são apresentadas de maneira sequenciada, comum à maioria dos grupos de Cacuriá. São coreografias em sua maioria bem sensuais e engraçadas.

As maiorias das músicas são de domínio público e são muito cantadas quando um grupo de Cacuriá se apresenta, sendo que todas as músicas foram originadas a partir do Cacuriá de Seu Lauro.

Nas apresentações as músicas são apresentadas de maneira seqüenciada, de modo geral obedecendo a seguinte ordem:

- Divino Espírito Santo
- Cabeça de Bagre
- Rolinha

- Jabuti
- Mariquinha
- Jacaré
- Ladeira
- Saia
- Entrar na Roda
- Assar Cana
- Gavião
- Lera Chorou
- Mestre Quirino
- Bananeira
- Formiga me mordeu
- Rosa Menina
- Camboa
- Cofo deu Cofo dá
- Agarradinho
- Pegar Siri
- Chapéu de lenha (momento em que puxa o público pra dançar)
- Mulata Bonita
- Pingolando (coreografia final)

Com relação aos instrumentos são basicamente utilizadas as caixas que são pequenos tambores que acompanham a dança (instrumentos de possível origem europeia e estão presentes na maioria dos folguedos brasileiros), mas, alguns grupos utilizam violão e flauta que são feitas com zinco ou lata. Muitos dos instrumentos são feitos pelos próprios membros dos grupos.

É uma dança de roda constituída por casais que apresentam várias coreografias baseadas nas músicas apresentadas. Ela apresenta em seu desenvolvimento muitas expressões corporais que exploram movimentos sensuais e graciosos que atraem e cultivam o público. Como todos os grupos se originaram a partir do Cacuriá do seu Lauro e cada música possui uma coreografia própria.

Suas vestimentas de modo geral são baseadas nas utilizadas na festa do Divino, Tambor de Mina e outras festas populares. São roupas bem leves e soltas, como também bem coloridas. Alguns grupos padronizam as cores como é o caso do Cacuriá de Dona Teté que tem três cores principais: verde, azul e laranja. Geralmente o figurino são saias rodadas para as mulheres, estas bem coloridas além de blusas curtas e para os homens bermudas com jaquetas também bem coloridas.

Segundo Sousa:

As vestimentas dos grupos do cacuriá são inspiradas nas festas do Divino e no tambor de crioula. Geralmente são saias rodadas com estampas alegres e blusas brancas com babados para as mulheres. Os homens usam calças curtas estampadas ou não, de acordo com o tecido das saias das mulheres e normalmente usam coletes curtos. (SOUSA, 1998, p.65).

Com o surgimento destes tipos de indumentárias, os movimentos ficaram bem mais leves facilitando assim a transmissão da alegria e do alto astral ao público em geral.

O grupo de Cacuriá mais conhecido é o Cacuriá de Dona Teté que existe desde 1986 e tem sua fundamentação inspirada no Cacuriá de Lauro.

Como descreve Barbosa:

Em 1980, na festa de confraternização do Natal, Dona Teté propõe ensinar ao grupo uma dança diferente, onde a mesma passou a ser executada inteiramente até 1986. Neste mesmo ano, o grupo resolve mostrar ao público maranhense o molejo jogoso, sensual e alegre que a dança tem o poder de transmitir. Inicialmente as apresentações eram internas e restritas ao grupo Laborarte, posteriormente foram realizadas apresentações em encontros de estudantes e manifestações populares. (BARBOSA, 1997, p.11).

4.1.3 Tambor de Crioula Patrimônio Imaterial Nacional

O tambor de crioula é uma dança popular maranhense de origem africana e foi reconhecida em 2007, como Patrimônio Imaterial Nacional. Não se sabe ao certo a data do seu surgimento. No passado era praticada somente pelos homens, pois era muito violento. Com regressão policial, acredita-se que a mulher começou a ter o seu espaço, utilizando a punção de barriga (encontro

do ventre com ventre). Talvez até como forma de sobrevivência da manifestação, pode-se encontrar ainda a participação de homens na dança.

Ferretti comenta que o Tambor de Crioula:

É uma forma de ritual de divertimento, pagamento de promessas, é uma forma de ritual de comunicação de pessoas entre si e com o sobrenatural e, ao mesmo tempo, é uma forma de ritual de reafirmação de valores dos negros do Maranhão. (FERRETTI, 1995, p.24).

Os negros africanos conseguiram, através da resistência, preservar esses valores culturais dentre os quais, os rituais religiosos que são cultuados até hoje.

VERGE apud. FERRETTI (1995, p. 25) comenta que:

A casa das minas teria sido fundada por membros da família real Abomey vendidos como escravos para o Brasil no reinado de Adonzan (1797 -1818) sendo portanto uma das mais antigas casas fora da África em que são cultuados voduns da família real de Abomey.

Nas apresentações do Tambor de Crioula, podemos observar como é nítida distinção entre os tambores e seus rituais, mas existe uma forte relação religiosa entre ambos.

O Tambor de Crioula incorpora a prática do catolicismo popular e das religiões afro maranhenses, pela qual se caracteriza a atividade ritual lúdica religiosa que tem como destaque a punga ou umbigada.

Sobre essa perspectiva FERRETTI (1995, p.29) conclui que:

A nosso ver as influências recebidas por estas religiões, não decorrentes de uma hipotética e discutível plasticidade original, mas, sobretudo impostas aos negros escravizados, mantidos em situação de inferioridade social.

É praticada em louvor a São Benedito, às vezes em pagamento de promessa, que consiste no lado religioso da festa. Pode ser realizada por vários outros motivos, tais como festa para comemorar aniversário, chegada de amigo, de parentes, ou mesmo vitória de time de futebol.

Não existe um dia específico para dançar o Tambor de Crioula, que pode ocorrer em qualquer época do ano, embora tenha frequência maior durante o carnaval e festejos juninos.

De acordo com a citação de FERRETTI (1995, p. 50):

Nunca ouvi dizer que existe um dia determinado para a dança do tambor de crioula. (...) sempre assistia essa dança como pagamento de promessa para São Benedito. Eles faziam promessa para o santo, e depois que alcançavam a graça, marcavam a data de acordo com suas possibilidades e davam a festa. Nesse tempo não se via Tambor de Crioula nem em São João e nem no carnaval. Tudo isso parece coisa mais recente.

A animação é feita por um canto puxado pelos homens com acompanhamento das mulheres, as coreiras. Um brincante puxa a toada que é acompanhada por um coro composto de instrumentistas e mulheres, compondo o refrão para os improvisos que se sucederão.

As dançantes se apresentam individualmente no interior de uma roda formada por elas e é nesse momento que encontramos sua particularidade principal: a punga. Trata-se de uma umbigada que ocorre quando a brincante que está no centro deseja sair, então ela se dirige a uma outra, toca-lhe com a barriga e a que estava na roda vai para o centro continuar a brincadeira.

A marcação é feita através de um conjunto de tambores que recebe o nome de parilha. São três tambores de tamanhos diferentes: pequeno, médio e grande, feitos de troncos de mangue, pau d'arco, soró ou angelim. O tambor pequeno é chamado crivador ou pererengue, o médio é o meião, chamador ou socador, e o grande é chamado de roncador ou rufador, sendo que este último recebe batida com um par de matracas que auxiliam na marcação.

Os tambores são bastante rústicos, feitos manualmente de troncos cortados nos três tamanhos e trabalhados exteriormente. O tronco é trabalhado a fogo com auxílio de instrumentos de ferro para que fique oco.

A cobertura do tambor é feita com o couro de boi, veado, cavalo ou tamanduá. Depois da cobertura, é derramado azeite doce no couro que fica exposto ao sol para enxugar e atingir o ponto de honra, quando é considerado totalmente pronto. A afinação dos tambores é feita esquentando o couro.

4.1.4 Dança do Coco

A Dança do Coco é originada em rodas de quebradeiras e considerada uma das manifestações típicas do folclore maranhense, presente durante os festejos juninos.

Esta dança que também é conhecida como dança do coco babaçu, dança do coco-ariri, trata-se de folguedo tradicional dos festejos juninos composto por pessoas da periferia da cidade ou da zona rural.

Os dançantes organizam-se em círculo, onde se alternam homens e mulheres. No meio, o marcador ou mandador do coco e líder do grupo é responsável pelo canto e marcações. Há ainda os coordenadores que mantêm a ordem no cordão observando quem canta e dança, além de orientar os mais novos.

Segundo Pinheiro:

A coreografia é complexa, com sapateados e rodas batidas. E o coco induz, em suas origens, uma tarefa coletiva, uma espécie de multirão, um convite à quebra do coco. De puro canto de trabalho passou-se ao baile propriamente dito. (PINHEIRO, 1992, p.39).

A comédia constitui momento especial da brincadeira, quando o grupo que a representa ocupa o centro do círculo e os demais brincantes ficam acocorados até o final da dramatização, para depois cantar e dançar novamente. Os versos retratam os aspectos e os fatos do dia-a-dia, com um conteúdo satírico.

A brincadeira é feita como pagamento de promessa. Utiliza instrumentos como saxofone, piston, trombone, banjo, pandeiro, triângulo de ferro, maracá e tambor-surdo, que formam uma pequena orquestra.

Os homens usam calças e sapatos do cotidiano, camisas iguais, listradas ou estampadas, e um facão na cintura e as mulheres usam blusas e saias rodadas coloridas.

Atualmente existem mais de sessenta grupos de Tambor de Crioula em todo o estado sendo que um dos grupos que se mais destaca é o Tambor de Crioula União de São Benedito que é puxado pelo mestre Felipe, um dos mestres mais antigos da região.

4.1.5 Dança do Caroço

Praticada na cidade de Tutóia (cidade que é o portal do Delta das Américas a quatrocentos e vinte quilômetros de São Luís), vizinha do Estado do Piauí, a Dança do Caroço é segundo alguns depoimentos, de origem africana, de origem indígena.

Trata-se de uma dança livre, pouco ou nada ritualizada, cujos participantes, de ambos os sexos e de qualquer idade, apresentam uma coreografia bastante variada. E que depende dos cantos, cuja letra leva os brincantes às respostas, expressas na dança e nas toadas que improvisam.

Essas toadas são feitas em versos e envolvem fatos e coisas do cotidiano de Tutóia, isto é, a relação dos seus habitantes com a natureza: o mar, os rios, a vegetação, os animais, a pesca etc.

Uma das brincantes, a que melhor dança e canta, faz a puxada da brincadeira é a Rainha do Caroço, que exerce certa liderança no grupo. Nesta podem tomar parte até os assistentes, mas são sempre os melhores cantores do grupo que puxam a música, respondendo os demais elementos com as estrofes.

Os instrumentos utilizados são quatro tambores e uma curica que é uma cabaça envolta por um trançado de sementes.

Quanto ao traje dos brincantes, vê-se que já foram modernizados, as mulheres usam vestidos de corpo baixo em cor branca, mangas em folhos de fazenda estampada, a mesma da saia, que é curta e tem três folhos, os homens vestem calça branca, de boca estreita, um pouco arregaçada e camisa do mesmo tecido estampado da saia das mulheres.

Os caixeiros calçam sandálias japonesas e os brincantes dançam descalços. Fazendo parte da vida dos brincantes de Tutóia, o Caroço é, no seu próprio dizer, uma brincadeira, que pode acontecer quando dá vontade, por ocasião de aniversários ou festas religiosas.

Apesar de sua espontaneidade, essa dança vem sofrendo algumas mudanças ao longo do tempo. Basta dizer que ela é, constantemente, apresentada para turistas, em concursos ou através de contratos com particulares.

4.1.6 Dança do Lelê

Segundo estudiosos do folclore maranhense o Lelê é uma dança de origem européia, possivelmente francesa. Há relatos que comprovam que existiu uma dança semelhante nos Pirineus (região montanhosa que separa a França da Espanha).

Quanto à origem do nome da dança, Lelê ou Pelá – Porco, de acordo com o Senhor Laurentino (proprietário do Lelê em São Simão), a dança recebeu esse nome porque sempre na véspera da festa, as pessoas se reúnem para matar e pelar porcos para comer no outro dia.

Já o termo Lelê talvez tenha surgido, porque alguém ouviu as pessoas cantando lê – lê – lê na hora da dança, e assim denominou-se Dança do Lelê.

A dança do Lelê existe há sessenta anos e grande parte dos brincantes é composta de lavradores, pessoas humildes, pequenos comerciantes, artesãos e aposentados, residentes dos povoados de Rosário (cidade da região do Munim).

Apesar de ser uma dança profana, podem ocorrer apresentações em louvor a algum santo. Dentre as quais citamos as que ocorrem em Maio para o Divino Espírito Santo, em Junho, para Santo Antônio, em Agosto, durante a festa de São Benedito, em Dezembro, na festa de Nossa Senhora da Conceição, em Janeiro, no dia de Reis ou em qualquer outra época como pagamento de promessa.

O figurino das mulheres é composto de blusa, saia rodada estampada, chapéu e sandália. Já os homens, blusa laranja, calça preta, chapéu e sapato.

Os instrumentos utilizados são os violões, cavaquinhos ou banjos, pandeiros, castanholas, flautas e rabecas. Os brincantes formam duas filas de homens e de mulheres, liderados por um mandante, responsável pela coordenação da dança.

O primeiro par da fila é denominado cabeceira de cima e o último, cabeceira de baixo, podendo ser o cabeceira de cima, também, o mandante. Os cantos, por vezes improvisados, seguem-se de acordo com a dança que é dividida em quatro partes, a primeira é o Chorado que é o início da festa, onde

o cantador e os tocadores convidam todos para a dança. Nesse momento ocorre à escolha dos pares por homens e mulheres, alternadamente, formando os cordões de brincantes, depois acontece a Dança Grande que é o segundo e mais prolongado momento da dança, onde os brincantes apresentam coreografia diversificada, homens e mulheres se cortejam.

Logo em seguida, acontece a Talavera, uma das principais partes da dança, onde os brincantes dançam de braços dados e deve ser dançada pela madrugada, no último momento acontece o Cajueiro, onde brincantes saúdam os músicos, o dono da casa e as pessoas presentes. Fazem evoluções conhecidas como juntar castanhas e entregar o caju. O cajueiro acontece ao amanhecer.

4.1.7 Bumba meu Boi

Com a mesma caracterização histórica que originou o folguedo no Brasil e no mundo, no Maranhão, porém, o bumba meu boi diferencia-se das demais formas nacionais adotando um conteúdo ritualístico próprio, diversificando seus estilos e sotaques criando novas formas de apresentação, de músicas, de adereços e pautando sua sobrevivência pelo gosto popular.

Um roteiro que incluiu a criação do auto do boi, a construção dos personagens, as lendas que ligam o boi a São João Batista e a Dom Sebastião, a narração do ciclo ritualístico, a produção das toadas e as apresentações em público, elementos da tradição oral, resultado das heranças trazidas pelo processo de colonização do boi como auto popular.

Ao contrário de outros locais em que é apresentado entre o natal e a festa de reis, de Dezembro a Janeiro, no Maranhão o bumba meu boi faz parte do ciclo das festas juninas, dedicadas a Santo Antonio, São João, São Pedro e São Marçal um tempo que coincide com o verão e com o período da colheita.

O bumba meu boi vem a ser uma manifestação popular desenvolvida a partir das influências culturais dos conjuntos étnicos negro, indígena, branco, conforme os comentários de Câmara Cascudo:

... O Bumba-meu-boi surgiu no meio da escravaria do nosso país, bailando, saltando, espalhando o povo folião, suscitando grito, correria, emulação. O negro que desejava reviver as folganças que trouxera da terra distante, para distender os músculos e afogar as mágoas do cativo nos meneios febricitantes de danças lascivas, teve participação decisiva nessa criação genial, nela aparecendo dançando, cantando, enfim, vivendo. Os indígenas logo simpatizaram com a “brincadeira”, foram conquistados por ela e passaram a representá-la incorporando-lhe também suas características. O branco entrou de quebra, como o elemento a ser satirizado e posto em cheque pela sua situação dominante. (CASCUDO apud CARVALHO, p.35-6).

O enredo da festa do bumba meu boi resgata uma história típica das relações sociais e econômicas da região durante o período colonial, marcadas pela monocultura, criação extensiva de gado e escravidão.

A riqueza das festas populares do Maranhão pode ser vista em um calendário, que atravessa vários meses do ano. O destaque principal é o bumba meu boi que ocorre no período junino em homenagem a São João, São Pedro e São Marçal.

Sabemos que o mês de Junho é o principal período das festas maranhenses, sendo que este calendário se estende até Outubro com os rituais de morte do boi. Os arraiais juninos se espalham por vários bairros da cidade, com apresentações diversificadas e grande participação popular.

Os preparativos dos grupos de bumba meu boi começam com o fim dos festejos natalinos, os grupos de bumba boi iniciam as reuniões, que vão até trinta e um de Abril, quando preparam os enredos e elaboram novas músicas e coreografias.

A partir de Maio, começam os ensaios com cada personagem elaborando a sua performance em conjunto ou separadamente. Tudo isso é feito até o dia quinze de Junho. Contudo, o chamado ensaio-redondo, como se fosse à apresentação definitiva que pode ocorrer até o dia vinte e três do mesmo mês.

As vésperas do São João ocorrem o batizado do boi, em cerimônia na igreja, com a participação de padrinhos ou madrinhas do boi, o que bem demonstra o alto grau de sincretismo entre o profano e o religioso e a importância sócio-cultural desse evento para o povo do Maranhão. É quando também, todos irão se deslumbrar com o novo couro do boi, verdadeira obra de

arte composta de vidrilhos, miçangas e desenhos inspirados no enredo escolhido para o ano.

A festa do bumba meu boi constitui uma espécie de ópera popular. Basicamente, a história se desenvolve em torno de um rico fazendeiro que tem um boi muito bonito. Esse boi, que inclusive sabe dançar, é roubado por Pai Chico, trabalhador da fazenda, para satisfazer a sua mulher Catirina, que está grávida e sente desejo de comer a língua do boi.

O fazendeiro manda os vaqueiros e os índios procurarem o boi. Quando o encontram, ele está doente, e os pajés são chamados para curá-lo. Depois de muitas tentativas, o boi finalmente é curado, e o fazendeiro, ao saber do motivo do roubo, perdoa Pai Chico e Catirina, encerrando a representação com uma grande festa.

O boi é a principal figura da representação. Ele é feito de uma estrutura de madeira em forma de touro, coberta por um tecido bordado ou pintado. Nessa estrutura, prende-se uma saia colorida, para esconder a pessoa que fica dentro, que é chamada de "miolo do boi".

Existem outros personagens da festa como o vaqueiro, caboclos, índios e índias. O vaqueiro é um dos personagens coadjuvantes do bumba meu boi, mas consegue impressionar pelo figurino, principalmente o chapéu. São também conhecidos por rajados no sotaque da baixada. Nos bois de zabumba são chamados caboclos de fita. Não podemos deixar de destacar a figura do Amo, pois é ele que conduz a brincadeira.

Segundo Lima sobre os vaqueiros:

No meio da roda de brincantes, boi e vaqueiro se defrontam, calcando o chão com golpes certos de calcanhar. De repente, quando o batuque se acelera, o vaqueiro cola o ombro esquerdo no flanco do boi, quase na frente, à altura da cabeça do animal e forma com ele um bloco único, acompanha-o no menor movimento. (LIMA, 1982, p. 19).

Em alguns bois existe o primeiro vaqueiro, a quem o fazendeiro delega a responsabilidade de encontrar pai Chico e o boi sumido, e seus ajudantes que também são chamados vaqueiros.

Outros personagens que estão presentes na brincadeira são os índios, índias e caboclo que tem a missão de localizar e prender pai Chico. Na

apresentação, os bois proporcionam um belo efeito visual, devido à beleza de suas roupas e da coreografia que realizam.

Alguns bois, principalmente os grupos de sotaque da ilha, possuem o caboclo real, ou caboclo de pena, que é a mais rica indumentária do boi. Também podemos destacar a Burrinha que aparece em alguns grupos de bumba meu boi, trata-se de um cavalinho ou burrinho pequeno, com um furo no centro por onde entra o brincante, e também podemos encontrar a burrinha pendurada nos ombros do brincante.

Podemos observar também o Cazumbá que é meio homem meio animal responsável por proteger o boi, que é um personagem divertido, às vezes assustador presente no sotaque de Pindaré que usa batas coloridas e máscaras de formatos e temática muito variada. Não são todos os grupos de bumba meu boi que possuem cazumbás.

Embora existam variações de uma região para outra, normalmente as apresentações obedecem a uma determinada ordem. Canta-se primeiramente uma toada (guarnição) que serve para juntar e organizar o grupo, antes de ir para o centro da apresentação.

Em seguida, entoar-se o Lá Vai, uma canção para avisar a todos que o boi deu a partida. Depois disso, vem a Licença, em que o boi e o grupo se apresentam entoando louvores a santos, a personalidades e a vários outros temas (natureza, personagens folclóricos entre outros). Ao final da apresentação, o grupo e a platéia cantam juntos O Urro do Boi e a Toada de Despedida.

Segundo Vieira Filho a temática da brincadeira ocorre:

O boi um animal de muita utilidade na fazenda é morto por um escravo chamado Francisco, quando sua mulher Catirina grávida deseja comer a língua do animal. (VIEIRA FILHO, 1997, p.26).

É importante destacar que muitos grupos chegam a encenar de forma teatral o auto do boi que é a lenda principal da brincadeira e é narrada a partir do fato que teria acontecido a um casal de negros escravos de uma determinada fazenda Francisco (Pai Francisco) e a mulher (Mãe Catirina). Esta, grávida e desejosa, exige do seu homem que lhe traga a língua de um boi

pra comer. Assim, Pai Francisco rouba o mais bonito touro do seu patrão que é o dono da fazenda e quando está no início da matança é descoberto.

Logo se constitui enorme tristeza, pois o novilho mais querido do fazendeiro está praticamente morto. Tomando consciência do acontecimento, o patrão manda o capataz apurar o caso. De imediato, os vaqueiros apontam Chico como o autor da façanha. Um grupo é formado para prender o acusado que, ao ser localizado, reage, luta e se recusa a ir à presença do patrão, sendo necessária à formação de uma equipe de índios, visto que os indígenas conhecem melhor os segredos das matas fechadas do que Pai Francisco escondeu-se.

Assim, dominam Pai Francisco que, despojado de suas armas – espingarda e facão -, é conduzido até o patrão. Preso o nego Chico, este terá de dar conta do boi, sob pena de pagar com a própria vida.

O ciclo do bumba meu boi do Maranhão está relacionado com uma atitude religiosa, evidenciando o caráter sagrado dessa manifestação, aspectos que podem ser identificados em várias letras, tanto da música popular do Maranhão, como das toadas específicas do bumba meu boi além das artes plásticas dos artistas locais.

Os mais tradicionais grupos foram concebidos em pagamento de alguma promessa a São João por alguma graça alcançada.

Envolve milhares de maranhenses ao longo de seu ciclo festivo, que se estende durante quase todo o ano, embora seu período de maior ebulição esteja concentrado no mês de junho.

Em linhas gerais, consiste na brincadeira que faz dançar, cantar e tocar, em volta de uma carcaça de boi bailante, um agregado de pessoas que se tratam por brincantes.

O bumba meu boi é um dos sinônimos mais autênticos de maranhensidade, a grande festa do povo maranhense, o maior espetáculo popular do Maranhão, é o entretenimento que mais dignamente representa a raça maranhense na sua condição de povo mais miscigenado do país: o índio, o negro e o branco.

A brincadeira do bumba meu boi é praticada na quase totalidade do território maranhense, tendo maior intensidade e representatividade no Golfão Maranhense, verdadeiro celeiro da nossa cultura popular, que inclui parte da

Baixada e região do Munim e parte do litoral ocidental, sem falar na Ilha de Upaon-Açu dos tupinambás, a Ilha do Maranhão, São Luís. Aliás, toda a zona litorânea e a Baixada celebra o bumba meu boi, destacando-se Guimarães, Cururupu, São Luís, região do Munim e a própria Baixada.

O bumba boi maranhense é o mais espetacular, rico, diverso e original do país, distanciando-se dos seus vizinhos nordestinos e nortistas.

Apresenta, entretanto, mais semelhanças e proximidade com a brincadeira do norte e se distancia das suas origens, o sertão nordestino. O próprio folguedo maranhense foi à base da formação do Boi-Bumbá do norte, dada à migração de vários maranhenses para essa região em busca das riquezas da borracha e das riquezas minerais.

Segundo CARVALHO (1995, p.47) o bumba meu boi é dividido em quatro sotaques, ou seja, ritmos que variam de acordo com a região do estado do Maranhão. São eles o sotaque de matraca (característico de São Luís, tendo como principal instrumento os pandeirões), zabumba (produzem um ritmo mais lento com os tambores enormes e percussão rústica), orquestra (possui um som mais alegre, ao som de clarinetes, pistons, saxes, entre outros) e pindaré (que tem origem na Baixada Maranhense com matracas e pandeirões menores que os bois da ilha, tendo como característica um guarda roupa rico em detalhes).

Atualmente existem quase cem grupos de bumba meu boi no Maranhão, subdivididos em diversos conjuntos. Cada um deles tem características próprias que se manifestam nas roupas, na escolha dos instrumentos, no tipo de cadência da música e nas coreografias que são diferentes em cada sotaque.

A classificação dos sotaques do bumba boi do Maranhão se faz pela origem regional ou instrumentos característicos, baseando-se nas especificidades de ritmo, indumentária, instrumentos, passos e evolução da dança.

Os sotaques existentes no Maranhão são sotaques de zabumba ou Guimarães, sotaque da ilha ou matraca, sotaque da baixada ou de Pindaré, sotaque de orquestra e sotaque de Cururupu ou de costa de mão.

4.1.7.1 Sotaque de Zabumba

O sotaque de zabumba ou, Guimarães originou-se na cidade de Guimarães e é considerado como o mais antigo, e pode ser enfatizado como o formador dos outros sotaques. Tem uma predominância negra nas suas características.

Esta denominação vem dos tambores bombos, chamados zabumbas. Diferencia-se justamente pela zabumba um grande tambor que possuem, mais ou menos, meio metro de altura tocado apoiado em varas de madeira onde cada tocador carrega sua zabumba, e pelo tamborinho, semelhante a um tamborim de bordas mais largas. Ambos os instrumentos são feitos de madeira e cobertos de couro de animais, afinados no calor de fogueiras.

O brincante diferenciador do sotaque é o rajado, pelo tipo de chapéu que usa com uma copa na forma de cogumelo, uma pala frontal bordada e, ornado por longas e bastas fitas coloridas até a altura do tornozelo.

Eles vestem saiotos e golas ricamente bordados com temas da fauna, flora ou religiosos. Os vaqueiros apresentam a mesma indumentária, com exceção do chapéu que é menor. As índias, chamadas de tapuias, se diferenciam dos outros sotaques usando uma peruca de ráfia ou nylon de longos cabelos, recoberta por um adorno de papelão numa forma entre uma coroa e um cocar e vestindo um saiote de tecido na forma de tiras, um bustiê, às vezes uma meia longa de crochê, e não usam adereços de penas.

Os brincantes dançam formando um semicírculo na maior parte da apresentação. O ritmo é um dos mais acelerados e geralmente o sotaque de zabumba reúne uma assistência pequena, mas não deixa de constar na programação, em horários muito variados, sendo, entretanto menos freqüente do que outros bois.

4.1.7.2 Sotaque de Matraca

O sotaque de matraca ou da Ilha é originário da Ilha de São Luís. Distingue-se pelos pandeirões, tocados posicionados em cima do ombro, e as

matracas. O brincante diferenciador é o caboclo real que usa um cocar com penas na horizontal, que se assemelha a um chapéu com cerca de um metro de diâmetro, e veste um saiote, gola e adereços nos braços e pernas, de penas de ema tingidas em cores variadas.

Os rajados usam um chapéu de formato comum, aba virada na frente e bordada, freqüentemente, com símbolos nacionais e regionais, do qual descem fitas coloridas, da copa até a altura dos tornozelos. A roupa compõe-se de um pequeno saiote e gola bordados (como os mesmos motivos ou desenhos florais e geométricos), usados sobre calça e camisa de mangas compridas. As índias vestem-se com uma gola, saiote, tornozeleira, braçadeira e cocar de penas de ema, que pode ou não ser colorido.

As penas de ema das indumentárias das índias vêm sendo substituídas por outros tipos de plumas, substituição justificada pelo preço e raridade das primeiras, sendo motivo de algumas críticas, quando isso acontece.

Estes brincantes dançam em roda em volta do boi, do amo, dos vaqueiros e pai Francisco. Os tocadores de instrumentos se posicionam por fora do cordão, como se fizessem uma proteção mais ao fundo, mas, como os matraqueiros são em grande número, tendem a cercar toda a brincadeira. Os bois da ilha constam na programação de todos os arraiais.

Sua ocorrência é de um a dois por noite, no máximo três. Mas, o que marca a presença deste sotaque nos arraiais, é que eles tendem a se apresentar da metade para o fim da programação, e quase sempre são os últimos da noite. Esta posição decorre da sua grande assistência e preferência na cidade.

O ritmo das músicas do boi de matraca é mais lento que os de zabumba. O grupo apresenta um número fixo de pessoas que tocam as matracas e pandeirões e mantém o ritmo e andamento da música. São vistos como sendo brincantes do boi e são chamados de matraqueiros e pandeireiros. Mas a matraca passou a ser tocada pela assistência na década de 80.

É o boi que parece ser o mais numeroso, exatamente porque pode incorporar a assistência dos arraiais, não sendo possível distinguir, entre aqueles que tocam, quem é do boi e quem não é, visto que as pessoas que tocam os instrumentos não têm uma indumentária específica e o amo é um dos elementos centrais do boi de matraca.

4.1.7.3 Sotaque da Baixada

O sotaque da baixada ou de Pindaré é originário das cidades de Pindaré, São João Batista e Viana. Caracteriza-se pelo chapéu, usado pelos rajados, de enorme aba virada para cima, bordada e adornada com penas de emas.

O Cazumbá é outro brincante diferenciador, veste uma longa bata bordada, usa uma máscara de madeira em formas antropomórficas. Os instrumentos de destaque são o pandeirão e a matraca. Os pandeirões são menores do que os de sotaque da ilha e são segurados na altura da perna pelo tocador. As matracas são sempre pequenas, tocadas por alguns brincantes do cordão.

O ritmo da música é mais lento do que o do sotaque da ilha e possui horário variado na programação. Na história da origem deste boi não há referência a sua antiguidade.

Alguns elementos de sua indumentária como as máscaras e batas dos cazumbás, e o chapéu dos rajados conferem-lhe uma aura diferenciada, que chama a atenção da assistência de maneira marcante. Nas roupas dos cazumbá são freqüentes os bordados referentes às relações entre o Maranhão e ao Brasil.

O boi da baixada se destaca através da contribuição do bumba meu boi de Pindaré, cujo Amo Coxinho, já falecido, ainda é considerado um dos grandes cantadores de boi. Ele é o compositor da toada que foi eleita como o hino do folclore maranhense.

O boi de Pindaré, na década de 1970, fez uma turnê no Rio de Janeiro, da qual resultou a gravação de um disco em vinil, sendo um dos primeiros registros fonográficos das toadas de boi. O grande sucesso deste disco, no início dos anos 1970 contribuiu para o destaque da cultura popular em São Luís, até ocupar sua posição atual nas políticas culturais, e significado para identidade maranhense.

Vale ressaltar que o sotaque da baixada é um dos preferidos dos turistas para fazer fotografias com os brincantes. Nos arraiais mais freqüentados por turistas podemos observar quanto o elemento tradição que o sotaque possui fascina estes visitantes.

Algumas pessoas chegam a falar que, por ser do interior eles cumprem os horários e as apresentações são melhores, comparando com a apresentação de um boi da capital.

4.1.7.4 Sotaque de Orquestra

O Boi de Orquestra identifica-se como de origem branca. É o sotaque típico da região do rio Munim e adjacências. Os bois mais famosos são de Axixá, Morros, Rosário e o de Presidente Juscelino.

O sotaque de orquestra surgiu entre as décadas de 30 e 40, entre o povoado de São Simão e o município de Rosário distante cem quilômetros de São Luís, como resultado da junção dos ritmos da matraca e do baião. A versão mais aceita é a que sustenta que um grupo de músicos, que sempre tocava nos bailes paralelos às apresentações do bumba meu boi, imitava o sotaque de matraca, dando-lhe relevo melódico e rítmico, a partir do baião.

Uma imitação que se torna comum nas décadas seguintes pela aceitação popular e pelo poder de comunicação adotada pelos grupos que aliam instrumentos de percussão africanos e indígenas aos de banjos, bumbos e taróis para o ritmo, saxofones, clarinetes e pistões são usados para a harmonia, acompanhados pelo maracá para marcar o equilíbrio.

Nesse sotaque, há uma percepção estética maior para os bordados laterais e frontais do boi, onde sobressaem miçangas, paetês, lantejoulas, canutilhos e até espelhos, em desenhos elaborados com rigor. Os brincantes usam chapéu em formato quase triangular e peitorais quase sempre de veludo.

Podemos destacar, que na maioria dos arraiais os grupos que mais se apresentam durante a programação são do sotaque de orquestra, onde em uma noite o número de apresentações podem chegar a cinco grupos desse sotaque.

5. Bumba meu Boi de Morros

5.1 Caracterização do município de Morros

Devido às numerosas elevações existentes no local, o município recebeu o nome de Morros. No início, era povoado pelos índios tupinambás e, a partir de 1750, começou a surgir a cidade, que passou a ser habitada por pessoas de diversas regiões à procura das riquezas naturais existentes no local, em especial da grande quantidade de andiroba, de onde é obtido o óleo, de larga utilização, sem contar a extração de madeiras de boa qualidade. Mas, o que motivava a ida de moradores de outras localidades era a caça, pesca e o banho no rio Una.

A história de Morros começa a ser contada a partir de 1898, quando foi criado o povoado. No dia vinte e nove de março de 1938, tornou-se município desmembrado de Icatu, tornando-se a partir daí um dos mais aprazíveis lugares para se visitar e conhecer suas notáveis belezas naturais.

Em 1997, Morros perdeu parte do seu território para o município de Cachoeira Grande. Hoje, o município conta com uma população estimada em quinze mil habitantes e a maioria vive na zona rural.

Sua economia está voltada, quase exclusivamente, para pesca artesanal e uma agricultura de subsistência com destaque para o cultivo da mandioca, arroz e frutos, onde o mais apreciado é a juçara. Não esquecendo o artesanato local com suas variedades.

Possui uma altitude de quarenta metros e tem um clima saudável, por ser cortado por pequenos rios e riachos. Foi nesse trecho de paisagem simples, mas eloquente, que os habitantes da antiga Icatu vinham fazer suas caçadas, seus momentos de lazer, aproveitando o momento para tomar banho nas águas claras do rio Una.

Tantas foram às dificuldades das pessoas que por lá passaram, que resolveram lutar por uma vida melhor. Um deles, Manuel Ferreira, juntamente com seus compatriotas estavam determinados a lutar pela terra mãe. Essa intensa luta teve como resultado a promulgação da lei nº 210 de 28 de abril de 1898 que aprovou a criação do município de Morros.

A evolução populacional não se pode determinar com clareza, o ano em que teve início essa povoação, mas sabe-se que não foi antes de 1750 que

aqui se levantou a primeira choça. Sabe-se também que em 1839 ao rebentar a guerra do Balaio, já se contavam trinta dessas choças que pertenciam aos filhos dos primeiros habitantes dessa cidade, os portugueses.

Os habitantes dessa tão querida cidade, queriam tornar-se independentes com a finalidade de participarem dos seus próprios interesses políticos e financeiros os quais proporcionariam melhores condições de vida aqui existente.

Os primeiros povoadores do município, os portugueses, chegaram aqui para exploração de madeira e outras riquezas existentes na região. Houve também a participação dos exilados que foram para a cidade cumprir suas penas e quando pagavam não tinham como voltar para sua terra natal, aqui ficaram e construíram famílias.

Segundo estudiosos índios tiveram uma grande participação na evolução populacional do município. Para concluir o sistema de evolução populacional, Morros recebeu e ainda recebe pessoas de várias outras regiões, que lá emigraram, se casaram e tiveram filhos com pessoas nascidas aqui, contribuindo assim com a população morruense.

Localiza-se na região do Munim, limitando-se com os municípios de Icatu, Humberto de Campos, São Benedito do Rio Preto, Axixá e Cachoeira Grande. Saindo de São Luis deve seguir pela BR 135 até o km 47, no município de Bacabeira, pegando a MA 110, que vai a Barreirinhas, passando pela cidade de Rosário, Axixá e, logo ali, encontra-se a cidade de Morros.

Outra opção é a viagem de lancha, que sai de São José de Ribamar, trinta e dois quilômetros da capital até Icatu, e de lá seguindo pelo rio Munim até Morros.

A cento e cinquenta quilômetros de Barreirinhas, e apenas a cem quilômetros da capital, Morros não deixa nada a desejar para as outras cidades do Estado. Com uma infra-estrutura, que atende aos requisitos dos turistas e visitantes mais exigentes, suas belezas encantam com atrações para gostos variados a todos que ali chegam, sem o problema de pessoas nas altas temporadas disputando vagas e preços nas acomodações.

O município de Morros possui ainda todo charme de cidade pequena do interior do Maranhão. A cidade conta com uma ótima infra-estrutura e diferentes opções de estadia e lazer com preços convidativos. Há ainda, uma

variedade gastronômica de altíssima qualidade, seguindo a fama da boa comida maranhense.

A acolhedora cidade é reflexo do educado tratamento dispensado por seu povo. Refúgio dos amantes da natureza, boemia e camping, Morros tem atraído, a cada final de semana, visitantes de todas as classes, que buscam a beira de seus rios descontrações e diversas formas.

Uns procuram pousadas, que se destacam pela paz e sossego à beira do Una, outros acampam com amigos em áreas mais afastadas e se dirigem aos barzinhos localizados à beira do rio que chegam a ficar lotados. Em meio a esse cenário quase perfeito, a presença de alguns visitantes sem compromisso com a preservação do bem natural contribui para a degradação ambiental de determinadas áreas.

O Rio Una possui uma beleza considerável por ter águas límpidas. Seu leito é formado de areia fina, alguns trechos de rochas e pedras e as suas margens são compostas de uma vegetação exuberante.

Podendo ser apreciado tanto em passeios de barcos pequenos ou canoas que levará o visitante também a conhecer outros balneários como Una do Mato Grosso, Balneário Una dos Paulinos, Balneário do Bom Gosto, Una Grande, trilha ecológica, Una das pedras, Una das mulheres, Una dos escoteiros, Una dos Moraes e a cachoeira do Arruda, o mais bonito de todos balneários. Afastada da cidade e de acesso difícil, reservado apenas a carro tracionado, através de trilhas, a cachoeira do Arruda é um lugar paradisíaco, formado por uma pequena queda d'água e piscinas naturais, que proporcionam momentos mágicos a todos que ali chegam.

A cidade tem ainda outras atividades ligadas à natureza, que acabam surpreendendo os visitantes, como passeios em áreas ambientais, sítios e a prática de esportes de aventura. Uma das atrações mais procuradas são os passeios feitos em trilhas, de barco ou canoa.

A cidade de Morros tem suas festividades religiosas com destaque para a Festa de São Bernardo, realizada anualmente de 11 a 20 de Agosto. É uma das maiores do município. Na cidade também acontece à festa de Nossa Senhora Aparecida, que anualmente se comemora no dia 12 de Outubro na igreja do mesmo nome, prestando homenagem à padroeira do rio Munim, que, a partir de 2003, ganhou uma nova dimensão sobre a coordenação do padre

Paulo. Ao longo dos anos a festa tornou-se mais atrativa com novenas e romarias, onde, ao final, há diversas atrações culturais. O propósito dos organizadores é fazer com que os festejos de Nossa Senhora de Aparecida sejam tão conhecidos como os de São José de Ribamar

No município há diversas manifestações culturais, destacando-se entre elas: Dança Portuguesa, Tambor de crioula, Bumba meu boi, dos mais diversos sotaques, com destaque para o de Morros, criado em 1976, pela professora Marlene Muniz Ferreira, na escola Normal da cidade.

5.2 Origem do Bumba-meu-Boi de Morros

O Boi de Morros foi criado no dia 23 de junho de 1976, há trinta e três anos, por Maria Teresa de Jesus Bacelar Araújo, com o auxílio professores e amigos Maria Marlene Ferreira Lobato (principal idealizadora), Maria Aparecida Ferreira Lobato, Maria do Socorro Araújo Ferreira, José Ribamar Muniz Lobato e Valter Ferreira, com o objetivo de recuperar uma tradição do início do século que estava esquecida na região do Munim.

A idéia era antiga, mas o padre Bacelar achava que não era muito conveniente. Depois que ele morreu, as professoras concretizaram o desejo e fundaram o grupo folclórico da Escola Normal.

Houve grande aceitação da idéia e, formado o batalhão, veio ele apresentar-se em São Luís, com grande sucesso, com moças de 14 a 18 anos de idade, quebrando desse modo o preconceito de que o bumba-meu-boi era somente para adultos, caboclos e homens, acostumados às maratonas cansativas, entre bebedeiras, viagens, noites de sono e desconfortos da referida brincadeira que discriminava as mulheres.

As calças eram compridas, de cetim preto, as blusas amplas, de cetim amarelo, os peitinhos do tipo babadouro mais ornamentados, os saiotes bordados, pequenos e graciosos, os chapéus como os demais, porém com a aba dobrada na frente e rodeada de fitas compridas, e mais ou menos com os mesmos bordados ingênuos.

A música ficava a cargo dos rapazes, as moças, devidamente caracterizadas, desempenhando todos os papéis do auto, e os familiares

acompanhando os cortejos e as apresentações. Um boi de mulheres, dirigido por mulheres, com cantadores mulheres tornou-se uma atração onde aparecia. O Boi de Morros pode ser considerado o primeiro grupo para-folclórico maranhense.

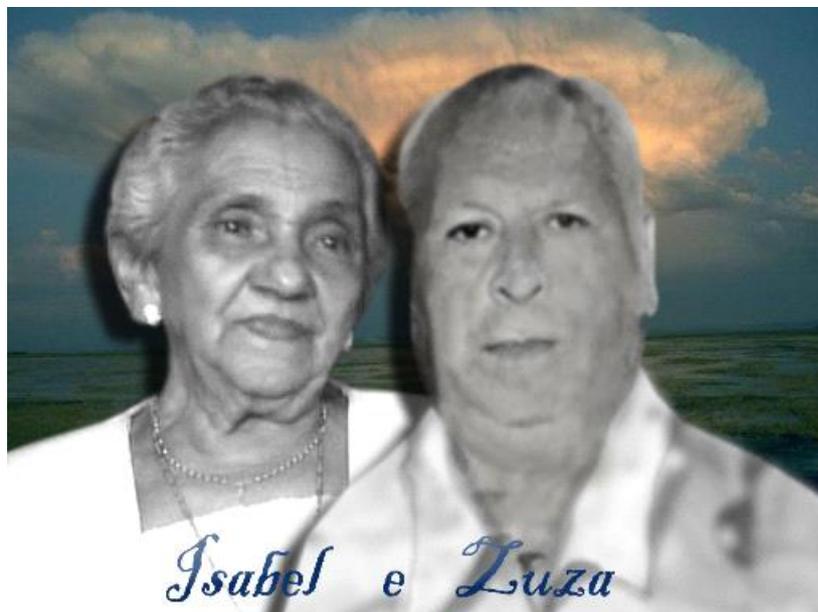
Recebendo o nome de Alegria dos Estudantes, o bumba meu boi de Morros, no primeiro ano de sua criação, trazia no “couro do boi” brilhantemente bordado, em um lado a Escola Normal e do outro, a figura do Pároco Monsenhor Bacelar. Suas principais toadas foram: “*Levantei a Bandeira*” e “*Homem Trabalhador*”, esta última em homenagem ao referido Monsenhor.

O sucesso do bumba meu boi da Escola Normal de Morros durou três anos, que contou da data de sua fundação em 1976 até 1979. A desistência da Escola deu-se por conta da mudança de residência da Professora Maria Marlene Ferreira Lobato de Morros para São Luís, como também pelas dificuldades inerentes ao tipo de trabalho, acompanhado pela falta de recursos financeiros pela existência de razoável quantia de investimentos. A professora preocupada com o fim da brincadeira procurou ajuda de José Hugo Lobato.

Foi a partir desse momento que José Hugo Lobato conhecido como Zuza em toda região do Munim, homem culto, divertido e de renomada iniciativa, conhecido pelo seu trabalho, organizador de diversos tipos de festejos, amante do bumba meu boi de orquestra, juntamente com sua esposa Maria Izabel Muniz Lobato, incansável e acima de tudo amorosa, sempre preocupada com a comunidade e principalmente com os mais necessitados, fizeram ressurgir o bumba meu boi de Morros, no Bairro Butiquim, como diz a toada: “*ele nasceu na Escola Normal e foi criado no Bairro do Butiquim...*”.

O Boi de Morros no seu primeiro ano com Zuza Lobato, recebeu o nome de “Sonho Realizado” por conta de uma antiga paixão. Trazia em seu couro brilhantemente bordado por Zefinha Azevedo, mulher na época considerada de alta qualidade artística, de um lado a Cachoeira do Tanque do Cristo Redentor e do outro o lema da Campanha da Fraternidade.

Figura 1 – Maria Izabel e Zuza Lobato



Fonte: Família Lobato

Durante mais de três anos, sucessivos nomes recebeu o Boi de Morros. O segundo foi Dominador, também sob o comando de Zuza Lobato que arduamente, com ajuda de familiares e amigos morruenses, manteve a brincadeira até o ano de seu falecimento em 1981.

No ano de 1982 o bumba meu boi de Morros não se apresentou devido à morte do seu comandante, pois a família ainda guardava um luto muito grande. É importante destacar que em seu leito de morte Zuza Lobato em suas últimas palavras pediu para que a brincadeira nunca acabasse.

Um ano depois, 1983 sua representação aconteceu, desta vez feita sob a direção de seu filho José Carlos Muniz Lobato e sua mãe Maria Izabel Muniz Lobato, que testemunhando os últimos momentos de vida do seu pai e marido respectivamente, haviam prometido continuar a organização do Boi de Morros, promessa que vem sendo cumprida até os dias atuais com muito sucesso.

Tentando dar continuidade com a brincadeira Maria Izabel Muniz Lobato, conhecida como Dona Maria Izabel, procurava alguém com capacidade

de comandar a brincadeira com o mesmo entusiasmo de Zuza Lobato, pois ela estava encontrando muita dificuldade porque os cantadores daquela época sempre despachavam em cima da hora prejudicando as apresentações. Por causa dessa situação seu filho José Carlos Muniz Lobato, conhecido como Lobato decidiu ficar a frente do grupo. A partir desse momento, o Boi de Morros começou uma caminhada para o sucesso.

Figura 2 – Lobato Amo do Bumba meu Boi de Morros



Fonte: José Carlos Muniz Lobato Filho

É importante destacar que Lobato antes de ficar a frente da brincadeira não possuía qualquer identificação com a brincadeira chegando a repreender seu pai pelo fato dele se dedicar tanto aos ensaios e apresentações, pondo em risco a própria saúde.

Ao longo dessa caminhada Lobato teve o apoio de muitos amigos e familiares principalmente dos seus irmãos José Maria Muniz Lobato e José Augusto Muniz Lobato que juntos auxiliavam cantando algumas toadas, da sua irmã Maria Aparecida Lobato Reis que já compôs e compõe várias músicas,

sua esposa Maria da Conceição Ferreira Lobato que se dedica dia e noite principalmente na época da temporada de São João e seus filhos, Clarissa Ferreira Lobato que é uma das pessoas responsáveis pela organização da brincadeira, Saul Ferreira Lobato, Talyta Ferreira Lobato, Emanuelle Ferreira Lobato e Mateus Evangelista Ferreira Lobato, que o auxiliam nos preparativos das temporadas juninas e integram a brincadeira como vaqueiros, índias e José Carlos Muniz Lobato Filho que o auxilia hoje como intérprete.

Figura 3 - Batalhão do Bumba meu Boi de Morros



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

Dessa forma com muita organização o bumba meu boi de Morros foi conquistando espaço na cultura maranhense, tornando-se um dos mais importantes e respeitados grupos Sotaque de Orquestra do Estado do Maranhão. Podemos observar esse grande sucesso que faz a brincadeira pelo grande número de apresentações que faz durante o ano e claro, pela grande aceitação do público durante as apresentações.

5.3 O Bumba meu Boi de Morros ao longo dos anos

Podemos observar que o Boi de Morros ao longo dos seus trinta e três anos sempre teve em suas toadas ou indumentárias, diversos temas e homenagens, sempre apresentando inovações todos os anos, o que sempre gera expectativa nos admiradores a cada período junino.

No primeiro ano da Brincadeira em 1976 o boi recebeu o nome de Alegria dos Estudantes e homenageou o padre Bacellar, e ano de sua criação, trazia no couro do Boi brilhantemente bordado, em um lado a Escola Normal e do outro, a figura do Pároco Monsenhor Bacellar, onde suas principais toadas foram: “Levantei a Bandeira” e “Homem Trabalhador”.

Figura 4 – Antigos componentes



Fonte: Boi de Morros

Nos anos de 1977 e 1978 tendo a frente da brincadeira ainda a professora Maria Teresa de Jesus Bacelar, foi pioneiro estudantil homenageando os estudantes da Escola Normal.

Em 1979 Zuza Lobato passou a comandar a brincadeira que foi nomeada de “Sonho Realizado” por conta de uma antiga paixão que naquele momento estava sendo realizada. Trazia no couro do Boi que na época foi brilhantemente bordado de um lado a Cachoeira do tanque do Cristo Redentor e do outro o lema da Campanha da Fraternidade. E no ano seguinte, ano em que seria o último de Zuza Lobato a brincadeira foi chamada de Dominador.

No primeiro ano sem Zuza Lobato, em 1983 o Bumba meu Boi de Morros lançou seu primeiro vinil que foi inspirado na Campanha das Diretas, na qual todo o Brasil se mobilizou em nome do direito de escolha dos representantes políticos pelo próprio povo.

Percebemos que a partir desse momento a brincadeira todo ano teria um tema diferente estampado em suas indumentárias e também estaria presente em algumas toadas.

Figura 5 – Lobato e antigos integrantes



Fonte: Boi de Morros

Em 1985 o homenageado da vez foi do idealizador da nova República Tancredo Neves, nesse ano o coração de todos os morruenses era verde amarelo.

No ano seguinte em 1986 o grupo veio com uma proposta de reforçar os protestos para o descaso educacional no Brasil, no momento em que a educação passa a ser um direito do cidadão dentro de um espaço democrático quando se faz necessária à manutenção de uma base chamada cultura popular. Nesse ano o Boi de Morros lançou seu terceiro vinil homenageando a Escola Rural de Morros que foi berço de sua origem.

Em 1988 o grupo tinha dois objetivos, primeiro era prestar uma homenagem para a raça negra, visto que era no ano em que se comemorava o

centenário da abolição da escravatura, e essa homenagem foi glorificante, pois era o momento em que a maioria dos negros do país respirava o mesmo ar fétido dos porões dos navios negreiros e a discriminação racial é cada vez mais presente. E o segundo objetivo era prestar essa homenagem pela contribuição dos africanos para a nossa cultura popular.

A natureza foi o destaque do ano de 1989, ano em que parecia que o homem tinha perdido a razão e começou a destruir sua própria casa, o seu habitat.

O Boi de Morros inclui no seu repertório denúncias ecológicas sobre a devastação da natureza no Brasil e principalmente em Morros, como a mortandade de peixes, desmatamentos entre outros. O grande objetivo era conscientizar a população e fazer denúncias pela sobrevivência da natureza. Como é dito em alguns trechos de toadas como natureza: “*A natureza chorou o astral emudeceu*”, e Curió: “*Meu Curió, quero te ouvir cantar, é tão triste a sua sina presa nessa gaiolinha sem poder voar*”.

No ano de 1990 o personagem em destaque foi a Mulher, pois nesse ano a Igreja também estava prestando essa homenagem e o Boi de Morros deu atenção especial para essa figura extraordinária que é a mulher.

Lobato no ano de 1992 resolveu fazer uma homenagem a todos os tipos de canto. Nesse ano o LP do Boi teve participação de vários cantores de outros ritmos.

Em 1994 o Boi de Morros se veste de cores e vem para rua brincar homenageando o Menino Jesus e com o seu urro anunciou a chegada do Salvador. Com isso, tudo se torna uma grande festa e o grupo lança sua primeira fita cassete intitulada Boi Profeta.

O tema da vez é o Boi Feliz em 1996 e é de Morros que vem a boa nova para o folclore maranhense. É no embalo da diversidade que o Boi de Morros canta Boi Feliz, entoando na prática a igualdade nas diferenças e as diferenças na igualdade. Boi Feliz é cancionado nas diferentes vozes de anos de outros grupos como Humberto, Chiador, Chagas.

O ano de 1997 foi um ano especial, pois Lobato fazia 15 anos à frente do Boi e nada mais justo que o tema ser os 15 anos de Lobato em 20 anos de Bumba meu Boi de Morros. A toada principal foi “*Boi Vagalume*”.

Foi prestada uma homenagem no ano de 1998. O Boi de Morros faz uma grande homenagem a São João. A toada "*Festa a São João*" mistura novamente vários cantadores e vários ritmos como: matraca, zabumba e orquestra. A outra "*Batismo de São João*" retrata o batismo de Jesus Cristo Rio Jordão.

Foi no ano de 2000, segundo Clarissa Ferreira Lobato, uma das diretoras, que os temas se tornaram meio que uma identidade da brincadeira que homenageou naquele ano os 500 anos do descobrimento do Brasil com o show "*Brasil 500 anos*".

A indumentária do boi trazia diversas cores e estilos, representando as cinco cores da bandeira, ritmos e culturas regionais. A música "*Brasil de Ritmos*" trouxe uma inovação, misturou ritmos como axé, frevo, forró e samba. Nesse mesmo ano, o Boi de Morros grava seu primeiro vídeo VHS no Teatro Arthur Azevedo.

Vale ressaltar, que de acordo com a própria Clarissa foi nesse ano que o bumba meu boi de Morros re-introduziu o auto do Bumba Boi, resgatando os personagens Chico e Catirina, sendo que naquela época a secretaria de cultura estava exigindo esse resgate para que assim pudesse cadastrar os grupos de bumba meu boi.

No ano seguinte, em 2001 o grupo completou 25 anos trazendo em suas toadas e indumentárias o tema "*São João do Maranhão pela Paz*". No ano do seu jubileu de prata, cantando a paz, Lobato faz um novo convite aos cantadores de outros grupos cantando a toada o "*São João do Maranhão*", o boi veste as cores azul e branco. Uma outra novidade foi que Lobato cancionou o Pai-Nosso e o boi recebeu o nome de Touro da Paz.

Em 2003 o boi trouxe um novo tema "*A paz que brota do amor*" e uma nova indumentária. As músicas "*Te amo sim*" e "*Raio de Luz*" foram o carro chefe do projeto. O boi também aproveitou o ano para homenagear a apresentadora Ana Maria Braga.

O tema em 2004 foi recriar a vida pela água, o grupo trouxe um tema que prega a preservação da água que foi inspirada na Campanha da Fraternidade do ano de 2004. A questão foi o mote principal da brincadeira chamada de "*Show da Água*". As roupas dos componentes vieram com cores representando a preservação dos mananciais da cidade. As índias, por

exemplo, vinham vestidas nas cores verde, azul, amarelo e laranja, representando as matas, águas e a flora; os toureiros por sua vez aparecem de cinza, representando a escassez do líquido.

Paraíso da Criação foi o tema escolhido de 2005. O show abordou a criação do Universo, a criação da terra, do ar, da água, do fogo e dos animais. Encenou também a criação do Homem e sua companheira a Mulher, vale ressaltar que essa encenação tinha um grande destaque, pois era feito com um show de efeitos. As indumentárias dos brincantes representavam toda a criação de Deus.

Figura 6 – O couro do boi de 2005



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

O Bumba meu Boi de Morros em 2006 se apresentou com o show “*O Reino de Deus abrange toda a Terra*”, onde descerraram-se as cortinas do tempo para anunciar que o Reino de Deus está em todo lugar. O Boi de Morros pregou o Reino de Deus, as indumentárias dos brincantes nas cores azul, verde, preto, amarelo e vermelho, representavam os cinco continentes. O boi também encenou a criação do Mundo com Adão e Eva e seus descendentes.

E Somos Todos Irmãos, essa foi a mensagem trazida pelo grupo em 2007, onde somos todos irmãos, filhos do mesmo Pai, mesmo nas diferenças nós somos todos iguais, foi o que o grupo passou com este tema.

O Boi de Morros cantou a igualdade dos povos, lembrando que não importa a raça, branco, negro, índio, pardo ou amarelo. Elevou a criação a Deus, onde em suas indumentárias nas cores verde, laranja, azul, representava todas as suas criaturas. Como dizia no trecho da música de abertura do show desse ano, “... *são muitas as operações, são diferentes os dons, mas é mesmo espírito que opera tudo em todos, somos sementes da divindade, vivendo em miscigenação, filhos do Universo somos todos irmãos...*”.

Em 2008 foi a vez do tema “*O universo e a eterna dança da vida*”, onde o grande objetivo era trazer a questão da vida, de Deus como criador da raça humana, como diz a toada

Aquele que é, é o princípio meio e fim, foi o grande show do Boi de Morros em 2009, trazendo em suas toadas e indumentárias a idéia do Deus alfa e ômega, o princípio e fim, o sol e a lua como traz em uma das toadas: “*A vida brota do caos ela está no nada, é energia não revelada, ele é aquele que é, ele vive sem viver é dele o eterno poder*”. Fala de Deus, onde ele é o absoluto, é o infinito.

5.4 Estrutura do Bumba meu Boi de Morros

5.4.1 Escolha dos Temas

A escolha dos temas é feito por seu amo Lobato que no começo do ano, mas precisamente antes do carnaval ele começa a pensar em algo para trabalhar em cima no ano em questão, escolhido o que trabalhar Lobato apresenta sua proposta para a diretoria que é formada por ele, José Maria Muniz Lobato (intérprete), Márcio Figueiredo (Figurinista) e Clarissa, que juntos decidem o tema a ser trabalho.

Decidido o tema, começa todo o trabalho do ano, Lobato começa a pensar nas toadas, o figurinista pesquisa tudo sobre o tema para que assim possa desenvolver todas as indumentárias, pois elas têm que seguir o tema

escolhido, e ele precisa também dessa pesquisa para decidir todas as cores que ele vai trabalhar. Decidido e feito o desenho das indumentárias, Márcio expõe o material para a diretoria que ao analisar a proposta decide aceitar ou não.

Passado essa etapa a diretoria providencia todo o material para a confecção das indumentárias, canutilhos, miçangas, penas, tecido e outros materiais. Esse material é comprado parte em São Luís e outra parte em São Paulo, e um detalhe muito importante é que esse material antes comprado pessoalmente em São Paulo, hoje já não é mais necessário à ida de alguém para lá, pois o grupo já possui um cadastro e faz todas as compras por telefone.

Um outro detalhe é que o material que é comprado em São Luís só é pago no final do período junino, pois só depois desse período é que o grupo arrecadou o dinheiro para que assim possa efetuar esse pagamento. Importante destacar que todos os custos referentes ao Bumba meu Boi de Morros é pago com o dinheiro das apresentações o que será abordado mais adiante.

Comprado o material a diretoria distribui o referente a cada indumentária para cada brincante que fica responsável por bordar sua roupa, ou seja, o Bumba meu Boi de Morros concede todo o material necessário para a confecção da roupa e o brincante se responsabiliza por aprontá-la. O boi estipula um prazo pra que todos os brincantes confeccionem suas indumentárias que é até o dia do batizado onde acontece até o dia 13 de junho.

5.4.2 Formação do Batalhão

De acordo com relatos de Carissa, uma das diretoras, essa formação tem início logo depois do carnaval, onde são realizadas várias etapas de seleção para a composição do corpo de baile do grupo.

Primeiramente as pessoas interessadas fazem suas inscrições pelo site do boi, passado o período de inscrições pelo site que dura aproximadamente um mês, os candidatos são chamados para uma reunião onde é feito uma entrevista com cada um para saber questões como

disponibilidade, pois muitas pessoas que fazem os testes trabalham ou estudam; se realmente o candidato terá tempo e dedicação por toda a temporada junina e algumas apresentações que acontecem fora desse período.

Após essa entrevista o candidato passa pelo teste de dança, onde alguns integrantes do boi fazem alguns passos e os candidatos terão que acompanhar enquanto estão sendo avaliados por uma equipe de jurados.

Passando por essa etapa os candidatos, os candidatos experimentam as roupas e daí em diante se aprovados farão parte do grupo na temporada. Para os Índios e Índias além desses critérios é avaliada também a questão da “barriguinha”, pois precisam estar com o corpo em forma para assumir esse personagem.

Figura 7 – Batalhão do Bumba meu Boi de Morros



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

O corpo de baile do Bumba meu Boi de Morros é formado da seguinte forma: quarenta índias, quarenta índios, trinta vaqueiros campeadores, trinta vaqueiros de fita, portanto só terá teste se claro houver

vaga o que sempre acontece, seja o participante saindo ou se a diretoria achar que deve tirar alguém. No final de cada ano a diretoria liga para todos os participantes para saber se alguém vai sair, justamente para que no ano seguinte possa colocar a vaga para a seleção, porque se não sair ninguém não haverá teste.

Figura 8 – Vaqueiros



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

É importante destacar que durante todo o ano o brincante é avaliado principalmente no quesito assiduidade, pois são essas pessoas que fazem o espetáculo.

Uma das dificuldades mais presentes no grupo segundo Clarissa é justamente com as danças fora do período junino, porque sempre acontece do boi ser contratado nesse período para algum evento e alguns brincantes desfalcam o grupo, por isso a diretoria está sendo muito exigente com o grupo e ainda mais com quem está entrando.

Formado o batalhão é hora dos ensaios que acontecem de Abril a Junho no Clube Recreativo Lítero Português. No começo os ensaios são divididos por grupos, ou seja, segundas e quartas ensaiam índias e índios e terças e quintas os vaqueiros campeadores e vaqueiros de fita, pois é nesse momento que novos passos são apresentados e fica mais fácil aprender dessa

forma. Passadas algumas semanas, além desses ensaios o grupo se reúne aos domingos para o ensaio geral, onde ao som da orquestra, os brincantes dançam como se fosse uma apresentação.

Figura 9 – Índias



Fonte: Lenno Lobato

A agenda do bumba meu boi de Morros é feita da seguinte forma: o Governo do Estado e a Prefeitura de São Luís fazem um pacote com os grupos de bumba-meu-boi, depois de indicado os dias dessas apresentações o Boi fecha posteriormente, com o Sistema Mirante de Comunicação para que em seguida possa fechar com outros que queiram a apresentação do boi.

Figura 10 – Índios



Fonte: Lenno Lobato

Cada apresentação tem um valor de dois mil e quinhentos reais a três mil reais, sendo que para o Governo do Estado e Prefeitura o boi recebe algo em torno de dois mil e trezentos reais por cada apresentação.

Esse dinheiro arrecadado é todo usado com o grupo de alguma forma, no pagamento do material como foi dito anteriormente, na logística do boi como o transporte, pois são usados dois ônibus para o deslocamento dos brincantes, alimentação dos integrantes da brincadeira, nesse caso é oferecido todas as noites o jantar e às vezes dependendo do número de apresentações um lanche também.

Há uma grande preocupação do boi com os brincantes, devido a grande perda de calorías que acontece durante as apresentações, lembrando também que o grupo não remunera esses brincantes.

Vale ressaltar que o número de apresentações durante a semana é menor que no fim de semana, podendo chegar a sete apresentações nos finais de semana e nos dias 23 e 29 de junho.

5.4.3.1 O batizado

Como foi destacado anteriormente, o ciclo de apresentações começa no batizado do boi, que é realizado na cidade de Morros até o dia treze de Junho. Como diz Lobato é o ensaio redondo da apresentação, uma verdadeira festa com a presença do padre que abençoa o Boi para que ele tenha um bom ano e claro a presença dos padrinhos que são escolhidos devido sua identificação com a brincadeira. Esse evento tem atraído um grande número de turistas para a cidade de Morros, lotando todos os hotéis e pousadas da região.

Figura 11 – O Batizado

Fonte: Lenno Lobato

De acordo com Reis (2001, p55) o maior destaque do batizado é quando o sacerdote diz: “Te batizo (cita o nome do boi), jóia do Povo! Não te dou um santo nome, pois não és cristão: em nome do Pai, do Espírito Santo te batizo”. Demonstrando o caráter religioso de tal manifestação.

Durante o batizado, os padrinhos acompanham a cerimônia com uma vela na mão, que é colocada no altar de São João para então o couro do boi que se encontra coberto por uma espécie de manto seja finalmente descoberto. O povo espera ansioso por este momento, pois ela vê pela primeira vez o novo couro do boi, o que irá apresentar-se no presente ano.

Depois que o couro é descoberto, o amo chama o povo para brincar na festa, que é regada de muita comida e bebida.

5.4.3.2 O ritual de morte

Outro evento muito importante é o ritual da morte do Boi que acontece na semana da Pátria em Setembro. Atualmente o boi morre de forma simbólica, geralmente o ritual de morte acontece aos domingos, sendo que no sábado, véspera de morte ele dança a noite inteira. Horas antes da festa o boi

finca o mourão – símbolo da festa da morte – árvore cheia de galhos toda enfeitada com papel, balões enchendo o terreiro com brilho e alegria.

Figura 12– O Ritual de morte



Fonte: Lenno Lobato

A matança envolve todo um ritual que integra sentimentos contraditórios de prazer e dor, alegria e tristeza, felicidade e saudade.

Maria Michol expressa sua opinião sobre esta contradição de sentimento da seguinte forma:

Na verdade, a gente do boi situa essa festa dentro do seu universo ritualístico, como uma ocasião especial, marcada pelo encontro de todos aqueles que vivem com o boi. Esse encontro é desenvolvido sob a égide da euforia, entusiasmo e animação, sempre perpassados por uma “condóida” melancolia. (CARVALHO, 1995, p.136).

O ritual também é marcado com muita festa, onde há dança comida e muita bebida. O boi brinca alegremente aproveitando todos os momentos antes da sua morte.

No dia da morte os brincantes vão à procura do boi que se escondeu, que ao ser encontrado o boi de Morros fez um cortejo pela cidade até chegar a seu terreiro. Na hora de morrer o boi é laçado pelo vaqueiro

sempre acompanhado pela voz do amo. Então o vaqueiro conduz o boi até o mourão onde é simbolicamente sangrado. E o seu sangue em forma de vinho é distribuído a todos os brincantes e participantes da festa.

Figura 13 – Lobato com o sangue do boi



Fonte: Lenno Lobato

No Maranhão, tem-se a notícia que até as décadas de 50 e 60 a morte do boi acontecia sempre no último dia de apresentação, entre os dias vinte e nove e trinta de Junho. Ainda nessa época, o boi era de fato esquartejado e repartido entre seus organizadores, padrinhos e brincantes. (MORAES, 1998, p15).

Esse evento tem atraído um grande número de visitantes e segundo Lobato esse ano além de todas as pousadas e hotéis da cidade estarem lotados, teve pessoas que tiveram que se hospedar em hotéis de cidades vizinhas como Axixá, Presidente Juscelino e Rosário.

O ritual aconteceu esse ano na sexta-feira com a apresentação do Boi da Maioba e Boi Mocidade de Axixá, no sábado teve a noitada de orquestra com a apresentação do Boi da Lua, Boi de Axixá e Boi de Nina Rodrigues e o Boi de Morros sendo que nesse mesmo dia o seu novilho se escondeu. No domingo aconteceu o ritual de morte, onde é feita toda a encenação do auto do

Bumba meu Boi quando o novilho estimado do patrão é morto. Na segunda-feira o boi faz o show para a derrubada do mourão, local onde o Boi é morto.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foi buscado relacionar o turismo com a cultura, demonstrando como essa relação pode ser um benefício para a sociedade ou como ela pode ser prejudicial para um determinado local. O Turismo tem sido considerado por muitos estudiosos um setor prejudicial para a cultura dos núcleos receptores, pois sabemos que o turismo é capaz de modificar espaços e até mesmo os atrativos naturais e culturais de um determinado pólo turístico a fim de atrair visitantes.

No desenvolvimento deste trabalho comprovou-se a grande importância da preservação e manutenção das manifestações culturais, pois estas são grandes incentivadoras dos deslocamentos das pessoas, pois a busca do diferente é de grande interesse do mercado potencial.

O turismo cultural cresce cada vez mais, porque hoje as pessoas estão buscando conhecer melhor outras culturas e o que elas possuem como seus festivais, monumentos e sítios históricos. Podemos observar o quanto isto é verdade quando analisamos algumas festas populares realizadas em algumas regiões do país e mais precisamente no Estado do Maranhão.

Dessa forma o turismo pode ser desenvolvido de forma sustentável, respeitando os atrativos naturais, culturais e históricos de uma determinada localidade e envolvendo a comunidade local com o objetivo de reduzir de forma significativa os impactos pela atividade.

Para tanto, relacionamos cultura e turismo cultural como meios que permitem identificar e valorizar a rica diversidade cultural do Estado do Maranhão. Nesse contexto, evidenciamos o quanto o patrimônio cultural do Maranhão tem a oferecer como atrativo turístico e destacamos as danças populares como uma referência das manifestações culturais do povo desse estado.

Dessa forma estudamos as diversas festas do Maranhão, dando ênfase para suas origens e como se comportam diante da atividade turística, onde observamos que algumas danças populares realmente se preparam da melhor forma possível para as apresentações do período junino ao qual o objetivo é seguir a tradição e claro agradar o público.

Em nossa pesquisa, verificou-se que as manifestações culturais do Maranhão não se alteraram de suas tradições originais diante da indústria do turismo. Sendo assim podemos concluir que esse turismo cultural aqui proposto visa valorizar a cultura visitada procurando sempre alguma forma de minimizar os impactos causados em algumas situações.

Ao longo do trabalho percebemos que existe um grande número de autores que tratam dessa questão cultural, ao qual contribuíram de forma significativa para o enriquecimento do mesmo. Contudo, podemos salientar que faltam estudos mais atualizados que venham a tratar do assunto discutido ao longo do trabalho.

É importante destacar o quanto essas manifestações divulgam o Estado pelo Brasil a fora, e principalmente o quanto o Bumba meu Boi de Morros tem ajudado na valorização e divulgação da cultura e do turismo da região. O que podemos perceber é que o grupo contribuiu e contribui até hoje para o enaltecimento da cidade de Morros situada as margens do rio Munim.

É percebido o empenho que o Boi de Morros teve ao longo de sua história para a continuidade de um trabalho que começou com muita luta através da professora Maria Teresa de Jesus Bacelar Araújo e que hoje é notório observar o quanto Lobato e toda sua família fazem para que esta brincadeira mantenha a tradição.

Assim, nesta referida pesquisa foi estudado o Bumba meu Boi de Morros e toda sua estrutura, dos ensaios ao ritual de morte, do que é preciso para que o grupo se mantenha de forma tão organizada, e como as pessoas se identificam com essa brincadeira que é considerada uma das principais do Folclore maranhense.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETO, Américo. **Bumba-meu-boi do Maranhão**. Alcântara, São Luís – MA, 1983.

BANDUCCI, Álvaro Jr. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papirus, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. 4ª Edição. Campinas: Papirus, 2003.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. São Paulo: Papirus, 2000.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **A dimensão espacial do subdesenvolvimento: uma agenda para os estudos urbanos e regionais**. Tese de Livre-Docência apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas. Setembro 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. 10 ed. São Paulo: brasiliense, 1982.

BUARQUE, S.C.. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004. 180 pg.

CANCLINE, Nestor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CARVALHO, Maria Michol Pinha de. **Matraca que desafiam o tempo: é o bumba-boi do Maranhão, um estudo da tradição/modernidade na cultura popular**. São Luís. [s/n], 1995.

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1949.

Comissão de Folclore Maranhense, 2000. **LENDAS, História Costume e a dança do côco**. São Paulo: Editora Três, 2000.

CORIOLANO, Luiza N. M. T. **O turismo de inclusão e o desenvolvimento local**. Fortaleza: FUNECE, 2003.

CULTURA, Secretaria do Estado da. Governo do Estado. Coordenação de Ação e Difusão Cultural Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. **Patrono Domingos Vieira Filho**. Abril. 1997.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **Mau olhar e malefício no Tambor de Mina**. Comissão Folclore Maranhense, 2000.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. Religiosidade popular no tambor de crioula, **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, São Luís, n.2, p.3, ago. 1995.

FERRETTI, Sérgio et all. **Tambor de crioula: ritual espetáculo**. São Luís: SECMA: Comissão Maranhense de Folclore: LITHOGRAF, 1995, 187p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1977, 516 p.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, LTC, 1989.

HIDALGO, M. **Turismo en países perifericos: efectos sobre la relacion real de intercambio**. V Jornadas de economía crítica. Santiago, 1996. Adas 1998.

LIMA, Carlos Orlando. **O bumba-meu-boi**. 3 ed. São Luís: Augusta Ltda, 1982.
LUCHIARI, M. T. D. P. (2000). **O Lugar no mundo Contemporâneo: Turismo e Urbanização em Ubatuba-SP**. Dissertação de Doutorado. Campinas, IFCH-UNICAMP.

LOBATO, Clarissa Ferreira. Boi de Morros. Entrevista realizada com a diretora do Bumba-meu-Boi de Morros. São Luís, 10 out. 2009.

LOBATO, José Carlos Muniz. Boi de Morros. Entrevista realizada com o Amo do Bumba-meu-Boi de Morros. São Luís, 10 out. 2009

OURIQUES, H. R. **A produção do turismo – fetichismo e dependência**. In: OURIQUES, H. R. **O turismo na periferia do capitalismo**. São Paulo: Alínea, 2005.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Desenvolvimento Local**. São Paulo. Editora Hucitec: 2002 - páginas 17-55.

SANTOS, Rafael José; BARRETTO, Margarita. **Aculturação, impactos culturais, processos de hibridização: uma revisão conceitual dos estudos antropológicos do turismo**. In: **Turismo em Análise**. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 244-261, nov. 2006.

SANTOS, José Luis. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SODRÉ, Muniz. Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SWARBROOKE, John. **Turismo Sustentável: turismo cultural, ecoturismo e ética**. Volume 5. São Paulo: Aleph, 2000.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo: uma esperança condicional**. 2ª Ed. São Paulo: Global, 1999.

ANEXO

ROTEIRO DE APRESENTAÇÃO

ROTEIRO MUSICAL DO BOI DE MORROS 2009

Toada: AQUELE QUE É, É PRINCIPIO E FIM

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

A vida brota no caos, ela está no nada, é energia não revelada. Ele é aquele que é, vive sem viver, é Dele o eterno poder. Ele é a essência, é o absoluto, é o infinito, Ele é Deus. Ele é o verbo, é o princípio da vida, é o amor luz que acendeu.

Ele é o universo de toda criação, é a divindade em suas expressões, para sentir-se como Espírito, mente e matéria. No cosmo se materializou e no meio de nós se humanizou. E o Filho de volta a casa do pai, enfim nos mostrou. Pois a vida é breve como as nuvens de outono, como relâmpago logo a caba enfim. Ele é aquele que é, é o princípio e o fim.

Toada: FILHOS DO UNIVERSO

(Autor José Carlos Muniz Lobato)

Índio guerreiro filho do universo, que no infinito cosmo a terra habitou. São irmãos diferentes no seu jeito de ser, são seres desiguais por inteligência do criador. No ritmo da selva ele vai viver, ao lado da índia que lhe dar amor e lhe dar prazer, com o arco e a flecha, luta a cada nova manhã, e alimenta o espírito com orações ao Deus Tupã.

No ritmo da selva perpetua-se a vida, longe do stress da civilização. Onde o riacho cantarola em pedras a rolar, e os pássaros vivem em bandos a revoar, o vento beija as árvores e rios de águas puras e frias, a vida na selva segue em pura harmonia. E na dança da vida índio não aprendeu a competir, por dádiva de Deus ele vive a repartir.

Toada: LÁ VAI MEU BOI

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

Com dois touros na frente, anunciando a toda gente, Lá vai meu boi. Quer ao mundo pregar, quer anunciar, sobre o criador. Batalhão inteligente, de jovens crentes, gente de fé. Somos escolhidos de Deus preferido aquele que é. Ele é sol nascente, Ele é sol poente, Ele é tudo pra mim. Ele é A e Z, Alfa e Ômega, Princípio e Fim.

Com Ele não tem mais solidão, Ele preenche o meu coração, por isso eu canto feliz assim: Lá vai meu boi. (bis) Lá vai meu boi. (3x)

Toada: HISTÓRIA DE EMOÇÃO

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

A tradição nos legou e esta história nos contou, que um casal de imigrantes, em busca de um pedaço de chão para o patrão apelou, o patrão sensibilizado a fazenda o entregou.

Empregados na fazenda o Pai Francisco a família instalou e a mãe Catirina desejosa quis comer a língua do Boi. E o boi era o estimado do patrão, que com seu poder colocou o Chico na prisão.

Está é a história, eis aí a tradição. O que era o Bumba-meu-boi quando se festeja São João. (bis)

Toada: PASSAR FOGO

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

No mês de maio o tempo começa a levantar, balões e foguetes já estouram no ar. Tem cheiro das festanças de junho, das noites lindas de luar. Então navego na minha infância e começo a recordar: da dança da fita, do pular fogueira, das promessas de ver o rosto na bacia, de enfiar a faca no tronco da bananeira, das danças da quadrilha, das danças do Bumba Boi, urrou o Boi de Morros chegou, e de confirmar a amizade na fogueira a tradição

nos legou. São Pedro disse, Santo Antônio confirmou, que tu vai ser meu compadre, vai ser minha comadre, São João foi quem mandou. (bis)

Toada: NO GALOPE DO MEU CAVALO

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

No galope do meu cavalo, vou ao campo campear, vamos prender marreteiro, e o novilho do amo encontrar. (bis)

- Vaqueiro desperta e vai ver, o touro da minha fazenda. Meu amo não se preocupe, pois traremos de volta a sua prenda.

- Vaqueiro toque seu berrante, para a manada orientar, meu amo vou cantando o meu aboio, para o seu novilho encontrar.

- Vaqueiro a porteira do curral está aberta, meu novilho escapou, não meu amo, chame as índias, pois o Chico e a Catirina o roubou.

Toada: GUEREIRA NATIVA

Autora: (Maria Aparecida Lobato)

Guerreira Nativa, raça primitiva, rainha das selvas, dormindo na relva, assim cresci... cresci...cresci....

Sou natureza viva, ativa e passiva que a modernidade tenta extinguir, Pai Tupã não vai permitir.

Veja os nossos rios que correm e morrem e a nossa flora em chamas arder, a camada de ozônio abafando a Terra e a nossa fauna desaparecer. E o homem faz guerra, briga pela terra, matando o irmão, nação versus nação. E o índio faz guerra, luta pela terra, sem voz e sem vez, pra cultivar o chão.

Chora natureza, chora, chora tua indignação porque o homem está destruindo a tua construção. Chora natureza, chora, chora tua emoção, porque o homem está construindo sua própria destruição.

E o homem faz guerra, briga pela terra, matando o irmão, nação versus nação. E o índio faz guerra, luta pela terra, sem voz e sem vez, pra cultivar o chão.

Ame a natureza!

Toada: ESPÍRITO SANTO

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

Espírito (4x) Vem iluminar!

Vem Espírito Santo, com teu poder de cura vem fazer meu boi urrar.
Vem Santo Espírito, os corações da fazenda iluminar.

Oh força do Altíssimo que tudo criou, e no ventre de Maria fez
nascer o salvador. Vem iluminar os corações sedentos de amor, vem Espírito
Consolador.

Vem Espírito Santo, com teu poder de cura vem fazer meu boi urrar.
Vem Santo Espírito, os corações da fazenda iluminar.

Toada: URROU MEU BOI

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

Urrou meu boi, abalou o firmamento e a terra tremeu, o mar se
agitou e o tempo escureceu, iluminou meu coração. Ele vivia tão sozinho, triste
e desprezado, vivia sem amor sozinho e abandonado, agora com esse urro ele
acordou por fim.

Urrou meu boi, a terra toda inteira o seu urro escutou, o rei dos
animais aos outros perguntou, esse urro é de que boi? Todos os outros animais
responderam com emoção, esse é o urro do Boi Sensação, a beleza que
Morros Botou.

Urrou, urrou, urrou com emoção, esse é o urro do boi Sensação, a
beleza que Morros botou.

Urrou, urrou, urrou é voz do Munin, este urro veio anunciar Aquele
que é o Princípio e Fim.

Toada: BOI SENSACÃO

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

Boi é a flor que encanta, vento que balança as virtudes pra você..

Boi é a esperança quando a criança dança, faz a vida renascer...

Boi é a fé na vida curando as feridas quando em Jesus você crê...

Boi é a caridade que a humanidade precisa pra viver...

O boi pode ser sotaque Guimarães.

O boi pode ser sotaque Pindaré.

Boi pode ser Matraca a estalar.

Boi pode ser panderões a entoar.

E o Boi de orquestra, é pra você vê todo esse tesouro Morros veio
guarnecer.

Toada: DESPEDIDA

(Autor: José Carlos Muniz Lobato)

Já tarde estou indo embora, meu transporte está lá fora estar me
esperando, quando eu sair minha mãe disse filho não vai demorar, por isso
tenho que ir, por favor, querida não vai chorar.

Veja meu lenço branco acenando, não quero ver você chorando por
essa breve separação.

O nosso amor mesmo na distância vai continuar, pois lhe prometo
para o ano aqui voltar.

O nosso amor mesmo na distancia vai continuar, pois lhe prometo
para o ano aqui voltar.

APÊNDICE

COMPONENTES DO BUMBA-MEU-BOI DE MORROS

Figura 14 – Intérpretes Lobato e José Maria Muniz Lobato



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

Figura 15 – Orquestra



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

Figura 16 – Logomarca do boi



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

Figura 17 – O Cacique



Fonte: Bumba meu Boi de Morros

Figura 18 – Pai Francisco e Mãe Catirina



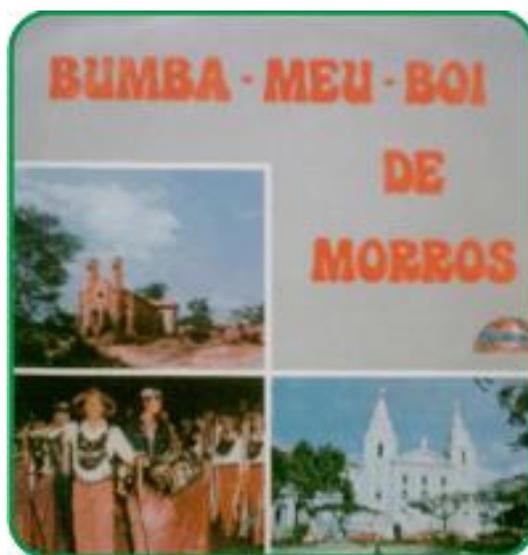
Figura 8 – Amo Lobato e os Índios

Figura 20 – Vaqueiros de Fita



DISCOGRAFIA COMPLETA DO BUMBA-MEU-BOI DE MORROS

Figura 21 – 1º Vinil do Boi de Morros

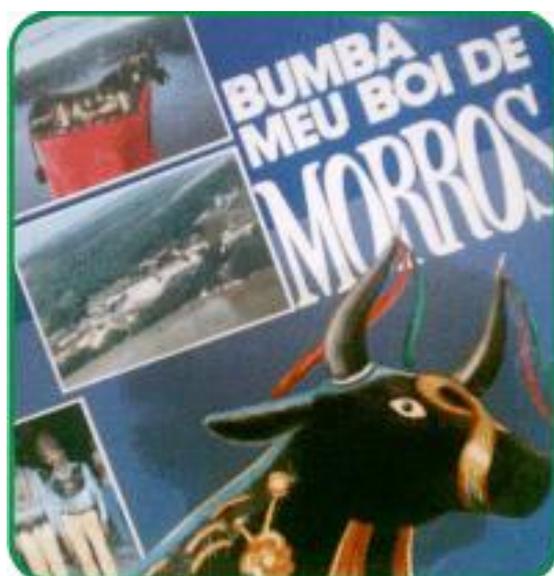


1983

01. DIRETAS JÁ
02. PRECE
03. EXALTAÇÃO À MORROS
04. PAI FRANCISCO
05. ZUZA LOBATO
06. TRISTE DESPEDIDA
07. GUARNECE
08. PADROEIRA DO BRASIL
09. EXALTAÇÃO À SÃO LUÍS
10. MORROS, MINHA CIDADE.
11. QUERIDA
12. CORRUPÇÃO

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 22 – 2º Vinil do Boi de Morros

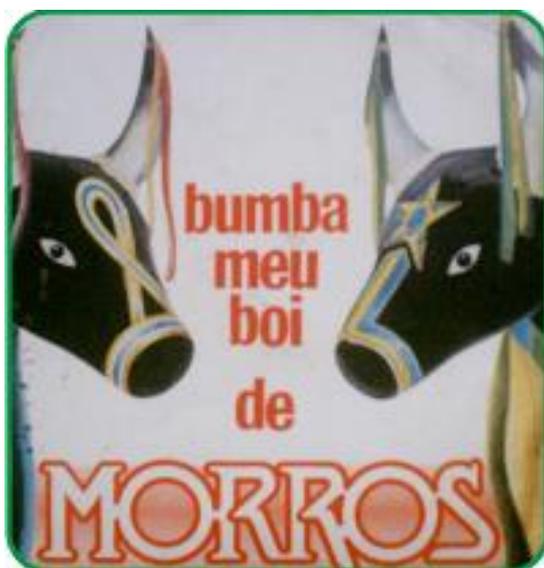


1985

01. HOMENAGEM A TANCREDO
02. GRAÇAS A DEUS
03. SÃO LUÍS
04. MUDA BRASIL
05. CIDADE RINEIRINHA
06. NOITE BELA
07. BOA NOITE
08. A NOVA REPÚBLICA
09. SAUDOSO LOBATO
10. A 13 DE MAIO
11. A LUAR DE COR DE PRATA
12. DESPEDIDA

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 23 – 3º Vinil do Boi de Morros



Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

1986

01. BOA NOITE QUERIDA
02. TEM QUE DAR CERTO
03. MORROS PARAÍSO SINGULAR
04. CASAL EXEMPLAR
05. BRASIL, PAÍS DA BOLA
06. TOURO DE MORROS
07. BRASIL LIBERTAÇÃO
08. MARANHÃO, NOVO BRASIL
09. S'O'S NORDESTE
10. JARDIM DO ÉDEM
11. SAUDOSA ESCOLA NORMAL
12. LINDA GAROTA

Figura 24 – 4º Vinil do Boi de Morros



Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

1988

01. LIBERDADE
02. MOÇA FORMOSA
03. SOLITÁRIO CORAÇÃO
04. MAIS BELA DO MUNIN
05. MENOR ABANDONADO
06. LINDA MENSAGEM
07. CARTA MAGMA
08. CIDADE DA AREIA
09. AXÉ
10. ENDEREÇO
11. DISTÂNCIA
12. A DOR DA SAUDADE

Figura 25 – 5º Vinil do Boi de Morros

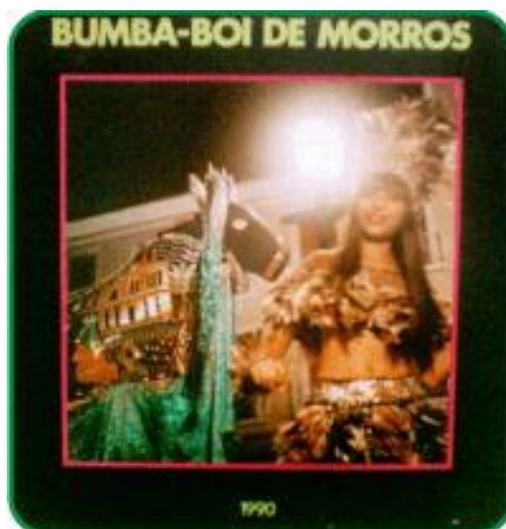


1989

01. CHEGA BRASIL
02. CHEGOU MORENA
03. CURIÓ
04. NOITE DE LUA
05. ESTRELA D'ALVA
06. DOMINGO MAIOR
07. NATUREZA
08. PRIMEIRO BEIJO
09. VAQUEIRO CAMPEADOR
10. ÍNDIA GUERREIRA
11. URROU MEU BOI
12. RECORDAÇÃO

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 26 – 6º Vinil do Boi de Morros



1990

01. REVIVER
02. NOVILHO FAMOSO
03. O MAR
04. ESTRELINHA DO MUNIM
05. MENINOS DE OURO
06. TRINCHEIRA
07. A MULHER
08. LEMBRANÇAS
09. ETERNO GOZAR
10. ALEGRES VAQUEIROS
11. RAIOS DE LUAR
12. MEU GRANDE AMOR

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 27 – 7º Vinil do Boi de Morros



1992

01. CANTO FELIZ
02. EMOÇÃO
03. BERÇO DE CULTURA
04. ORGULHO DE MORROS
05. ILHA DO AMOR
06. SAUDADES
07. BOI POESIA
08. MEU VIVER
09. PARABÉNS A LOBATO
10. RIO UNA
11. NATUREZA FERIDA
12. LINDO OLHAR

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 28 – 8º Vinil do Boi de Morros

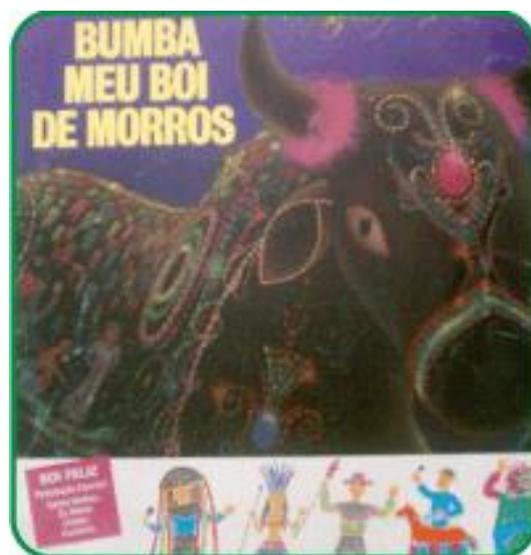


1994

01. BOI PROFETA
02. BOI SENSÇÃO
03. LINDO MÊS
04. URRO EMOÇÃO
05. A FESTA
06. MENINO DEUS
07. SONHA DA MINHA VIDA
08. REI DO BRILHO
09. MARIA IZABEL
10. DESPEDIDA

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 29 – 9º Vinil do Boi de Morros

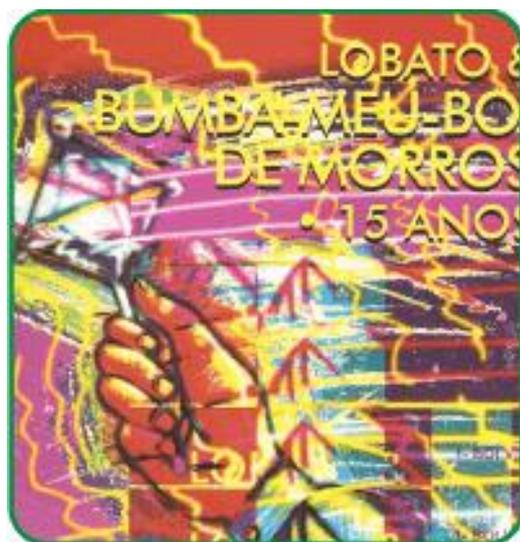


1996

01. BOI FELIZ
02. VAMOS BRINCAR
03. RECADO
04. CATITA
05. BRILHO DA NOITE
06. DESEJO
07. VIDA DE AMOR
08. TOURO AFAMADO
09. MEU BEM
10. MORROS
11. ESTRELA D'ALVA
12. SAUDADE

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

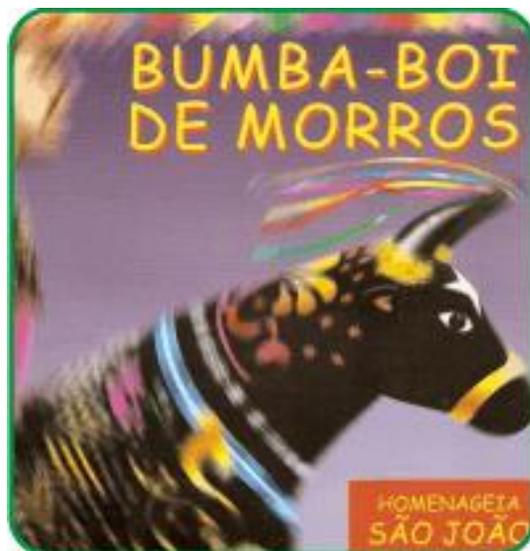
Figura 30 – 1º Cd do Boi de Morros



1997

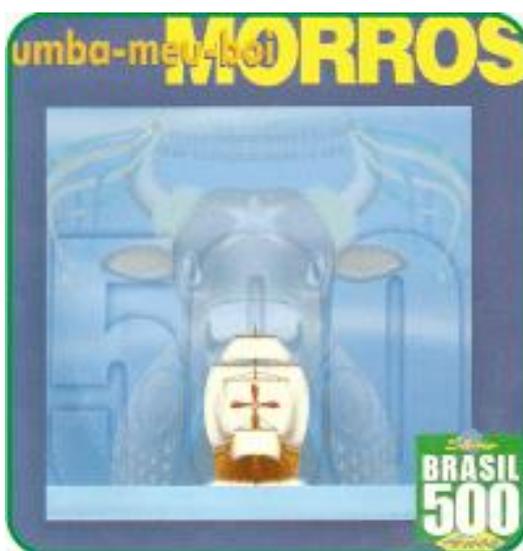
01. VAGALUME
02. GUARNECER
03. QUEIXUME
04. EMANUEL
05. VENTO NORTE
06. SABIÁ
07. NATUREZA
08. POUT-POURRI
09. BOI PROFETA
10. BOI SENSACÃO
11. URRO EMOÇÃO
12. LINDO MÊS
13. A FESTA
14. REI O BRILHO
15. SEPARAÇÃO

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 31 – 2º Cd do Boi de Morros**1998**

01. FESTA A SÃO JOÃO
02. HOMENAGEM A JOÃO DO VALE
03. URROU MEU BOI
04. FONTE DE INSPIRAÇÃO
05. DANÇA DA ZABUMBA
06. AVE MARIA
07. CONSELHOS
08. BATISMO DE SÃO JOÃO
09. GAROTA
10. ORAÇÃO A SÃO JOÃO
11. MORENINHA LINDA
12. QUERIDA
13. DANÇA DO BOI
14. SÃO LUÍS
15. ADEUS

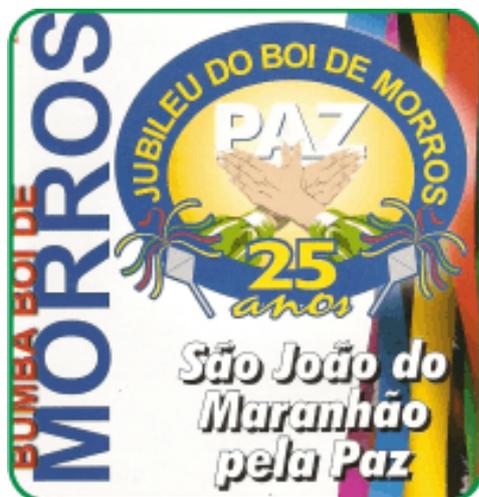
Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 32 – 3º Cd do Boi de Morros**2000**

01. BOI PREGADOR
02. CHEGADA
03. BELAS NOITES
04. VAQUEIRO ALTANEIRO
05. ÍNDIAS
06. CHORADO
07. OFERTÓRIO
08. BOI VAGALUME
09. URRO DO BOI
10. BRASIL DE RITMOS
11. DESPEDIDA

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

Figura 33 – 4º Cd do Boi de Morros

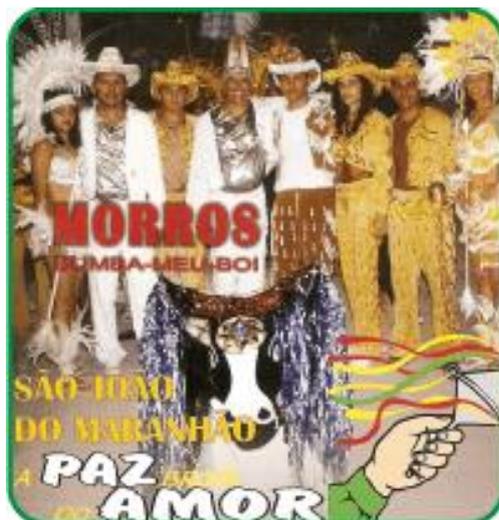


Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

2001

01. SÃO JOÃO DO MARANHÃO
02. TOURO DA PAZ
03. LÁ VAI MEU BOI
04. MARANHÃO, MINHA HISTÓRIA
05. MÊS DE MAIO
06. URRO O BOI
07. PARABÉNS PELO JUBILEU
08. BRINCADEIRA PESADA
09. POT-POURRI
10. PAI NOSSO
11. POUT-POURRI 2
12. DESPEDIDA

Figura 34 – 5º Cd do Boi de Morros

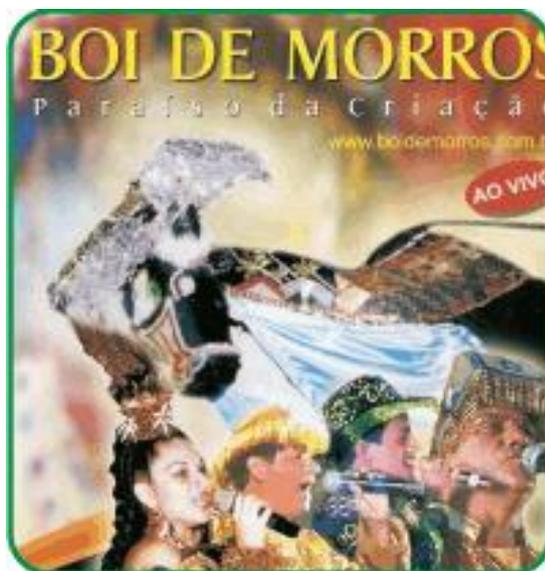


Fonte: Bumba-meu-boi de Morros

2003

01. RAIOS DE LUZ
02. TE AMO SIM
03. AMOR PREGADOR
04. BELO AMANHECER
05. DONO DA FESTA
06. GRITO DA TERRA
07. CANTO NOVO
08. ANA MARIA BRAGA
09. VAQUEIRO ESPERANÇA
10. SELVAGENS GUERREIRAS
11. BOI COMOVENTE
12. RETRATO DE LEMBRANÇA

Figura 35 – 6º Cd do Boi de Morros



2005

01. CONCENTRAÇÃO
02. PARAÍSO DA CRIAÇÃO
03. RESSOOU NO UNIVERSO
04. LA VAI MEU BOI
05. CHICO E CATIRINA
06. NOITES LINDAS
07. GALOPANDO EU VOU
08. MEU PAI TUPÃ
09. CREIO EM DEUS PAI
10. ECOA NO UNIVERSO
11. DESEJO
12. LOUVAÇÃO
13. POUT-POURRI

Fonte: Bumba-meu-boi de Morros